

**FACULDADES EST**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA**

FRANCISCA DAS CHAGAS DE PAULA MACIEL

A INVISIBILIDADE DAS CRIANÇAS NO INTERIOR DAS IGREJAS  
NEOPENTECOSTAIS

São Leopoldo

2016

FRANCISCA DAS CHAGAS DE PAULA MACIEL

A INVISIBILIDADE DAS CRIANÇAS NO INTERIOR DAS IGREJAS  
NEOPENTECOSTAIS

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de concentração: Religião e  
Educação  
Linha de Pesquisa: Educação  
Comunitária para Infância e Juventude

Orientador: Oneide Bobsin

São Leopoldo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M 152i Maciel, Francisca das Chagas de Paula  
A invisibilidade das crianças no interior das igrejas  
neopentecostais / Francisca das Chagas de Paula Maciel ;  
orientador Oneide Bobsin. – São Leopoldo : EST/PPG, 2016.  
64 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de  
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,  
2016.

1. Educação cristã de crianças. 2. Igrejas pentecostais –  
Educação. I. Bobsin, Oneide. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

FRANCISCA DAS CHAGAS DE PAULA MACIEL

A INVISIBILIDADE DAS CRIANÇAS NO INTERIOR DAS IGREJAS  
NEOPENTECOSTAIS

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de concentração: Religião e  
Educação  
Linha de Pesquisa: Educação  
Comunitária para Infância e Juventude

Data de aprovação:

---

Oneide Bobsin – Doutor em Ciências Sociais – Faculdade EST

---

Gisela Isolde Waechter Streck – Doutora em Teologia – Faculdade EST



À minha mãe, Idalina de Paula Maciel, mulher firme, serva do Senhor, esposa dedicada, genitora amável. Mesmo não tendo ela própria condições de concluir o ensino fundamental, sempre foi a incentivadora fiel para que eu continuasse os estudos. O seu exemplo de vida é fonte de inspiração para toda a família.



## **AGRADECIMENTOS**

Ao Soberano Deus que do nada levanta o ser humano para torná-lo uma criatura com dotes do Criador. E como se não bastasse o dom da vida, Ele ainda torna este ser terreno um sonhador e conquistador! Realmente, o Senhor faz muito mais do que pedimos ou pensamos!

Ao meu esposo Neucicley, companheiro que compreende meus desafios e permanece ao meu lado incentivando. O seu carinho é reconfortante!

As minhas filhas Ana Paula e Beatriz, e ao meu filho Felipe, presentes divinos para minha vida! Sou afortunada, bem-aventurada e muito feliz, por tê-los comigo.

Aos meus pais e irmãos, que me acompanham nesta jornada! O amor deles me fortalece!

Aos meus pastores e pastoras, irmãos e irmãs em Cristo e amigos e amigas de caminhada, que sempre disseram: "Você vai conseguir!".

A todos e todas os(as) excepcionais doutores/doutoras e mestres/mestras que contribuíram para minha formação, e em especial, o doutor Oneide Bobsin, orientador presente na etapa final. A convivência com vocês gerou muito mais que aprendizagem, gerou confiança, autoestima e a certeza de que um ensino de qualidade transforma a realidade do aprendiz.





## RESUMO

As igrejas neopentecostais têm crescido fortemente no país e já não há como saber quantas são oficialmente. O que o Censo 2010 conseguiu comprovar é que o número de evangélicos e evangélicas atingiu 22,2% da população e que metade deste percentual corresponde a crianças e adolescentes. Diante da realidade, esta pesquisa propõe-se a analisar como os pequenos e pequenas fiéis são (des)percebidos/(des)percebidas nas novas igrejas, e que tipo de educação cristã lhe é disponibilizada. Considerando a hipótese de que a igreja neopentecostal não tem acolhido e incluído a criança em suas programações regulares, argumenta-se sobre as causas da invisibilidade social a qual estão expostos alguns grupos sociais. Enfatiza-se a necessidade de uma proposta pedagógica visando o desenvolvimento de uma educação cristã, direcionada para o e a infante. Como resultado da utilização deste tipo de educação, desenvolve-se na criança o sentimento de pertencimento à comunidade evangélica que lhe educa. Assim, são detalhados neste trabalho, conceitos de criança, educação, educação cristã, invisibilidade social, proposta pedagógica. Também são citadas igrejas que desenvolvem educação cristã em sua jornada, bem como elencadas editoras cristãs que tem em sua linha de produção excelentes livros, revistas, jornais e demais materiais de apoio a serem utilizados por professores, professoras e crianças.

**Palavras-chave:** Igrejas Neopentecostais. Educação Cristã. Crianças. Invisibilidade Social.



## ABSTRACT

The Neo-Pentecostal churches have greatly grown in the country and there is no longer any way of knowing how many there are officially. What the 2010 Census managed to prove was that the number of Evangelicals has reached 22.2% of the population and that half of this percentage corresponds to children and adolescents. Faced with this reality, this research proposes analyzing how the faithful little ones are perceived in the new churches and what type of Christian education is provided. Considering the hypothesis that the Neo-Pentecostal church has not welcomed and included children in their regular programs, argumentation is presented about the causes of the social invisibility to which some social groups are exposed. The need for a pedagogical proposal aiming at the development of a Christian education directed toward the child, is emphasized. A result of using this type of education is that a feeling of belonging to the Evangelical community which educates the child is developed. Thus, in this work concepts of child, education, Christian education, social invisibility and pedagogical proposal are detailed. Also, churches which develop Christian education in their trajectory are cited as well as Christian editors which have in their line of production excellent books, magazines, journals and other support materials to be used by teachers and children.

**Keywords:** Neo-Pentecostal churches, Christian Education. Children. Social Invisibility.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1 A PRESENÇA QUASE IMPERCEPTÍVEL .....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 A concepção de criança e suas necessidades.....</b>	<b>24</b>
<b>1.2 A realidade da invisibilidade social.....</b>	<b>27</b>
<b>2 FIXANDO RAÍZES .....</b>	<b>31</b>
<b>2.1 O fenômeno educação.....</b>	<b>31</b>
<b>2.2 Educação Cristã e suas especificidades .....</b>	<b>35</b>
<b>3 APRENDENDO A LIÇÃO .....</b>	<b>45</b>
<b>3.1 Proposta Pedagógica para Educação Cristã.....</b>	<b>46</b>
<b>3.2 Subsídios para elaboração de uma Proposta Pedagógica.....</b>	<b>50</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>61</b>



## INTRODUÇÃO

Entende-se por palavras um conjunto de sons articulados que representam ideias e que podem ser grafadas através de um código de símbolos como as letras do alfabeto, por exemplo. Além destas características, as palavras têm o poder de mudarem de significados através dos tempos. Um modelo que bem ilustra esta assertiva é a palavra “moderno”, a qual atualmente é conceituada em qualquer dicionário como sendo algo recente, presente, progresso, dos nossos dias ou ainda o que está na moda.

O professor e historiador Voltaire Schilling em seu artigo *Conceito de Modernidade no Decorrer dos Séculos*<sup>1</sup>, consegue demonstrar com maestria a evolução deste termo, que ao contrário do que se pensa, sua origem é do século V e “começou a ser empregada para distinguir o mundo cristão do mundo pagão”.<sup>2</sup> Isto é, o termo em si, servia como instrumento de distinção, e não continha o caráter qualitativo, apenas distintivo. Somente no século VIII o termo ganha o aspecto qualitativo, mas no sentido negativo, sem valorização. Isso ocorreu em virtude dos humanistas do Renascimento passarem a valorizar a cultura antiga do mundo latino e grego, a qual a Igreja Católica havia marginalizado. Ainda nos séculos XV e XVI os humanistas continuaram a investigar o mundo pagão anterior ao poderio da Igreja, e a idolatrar tudo o que havia no passado, por isso, tudo o que era moderno àquela época não prestava, devia ser rejeitado. O Renascimento, nesta perspectiva, “ao mesmo tempo em que é uma espécie de descoberta do valor humano, promove uma retração do que é moderno, daquilo que é novo, em favor daquilo que é antigo”.<sup>3</sup> Logicamente, que a revolução científica deu um jeito de descaracterizar esta ideia e o “moderno passa novamente a ser um elemento qualitativo, não apenas que distingue o que é novo daquilo que é obsoleto, mas que afirma que aquilo que é novo é melhor”<sup>4</sup>. No século XVIII, os enciclopedistas franceses acrescentam a esta ideia o sentido estético, isto é, moderno vai se referir aquilo que é de bom gosto, em oposição ao antigo, o que é de mau gosto.

---

<sup>1</sup> SCHILLING, Voltaire. Conceito de Modernidade no decorrer dos séculos. In: GOLDMEYER, Marguit. WACHS, Manfredo C. MALSCHITZKY, Gustavo (Orgs.). *Luteranismo e educação: reflexões*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

<sup>2</sup> SCHILLING, 2006, p. 97.

<sup>3</sup> SCHILLING, 2006, p. 99.

<sup>4</sup> SCHILLING, 2006, p. 100.



A palavra “moderno” chega aos nossos dias acompanhado de uma sensação de que as coisas têm pouca duração, ou seja, quando se cria algo, isso é considerado moderno até o momento em que outro algo é criado, e supera o primeiro. Tudo o que se cria hoje no mundo das artes, do mercado e em qualquer área, está passível de ser superado no momento seguinte, com um novo modelo “moderno”. Schilling afirma que “nós tentamos desesperadamente constituir teorias, ideologias, instituições que durem, que sejam preservadas, mas, ao mesmo tempo, nós estamos vivendo numa época que destrói tudo, que dissolve tudo”.<sup>5</sup>

Até mesmo a instituição igreja, um grupo religioso organizado e institucionalizado bem antigo, tem sofrido sérios abalos estruturais no que tange a sua trajetória histórica e a modernidade. O “moderno” tem se instalado nesta instituição que representa uma espécie de pessoa física da religião cristã. O movimento reformista cristão do século XVI, liderado por Martinho Lutero, que culminou na divisão da Igreja entre católicos romanos e os reformados, dando origem ao protestantismo, foi uma intervenção “moderna” na estrutura funcional da Igreja. O seu legado foi um novo grupo de fiéis surgindo, os protestantes. No século seguinte há outro movimento cristão que dá origem a novos grupos de fiéis, que passaram a ser conhecido como evangélicos. Esse movimento tornou-se significativo nos Estados Unidos nos séculos XVIII e XIX. E deste movimento, surgem os pentecostais e, mais recentemente, os neopentecostais.

O Brasil, colonizado por portugueses de fé católica, tornou-se um país cristão e não tardou muito para que as diferentes ramificações cristãs se disseminassem por todo o seu vasto território.

Com a realização do censo populacional realizado a cada 10 anos, é possível acompanhar, dentre outros aspectos, o crescimento ou não, dos grupos religiosos aqui existentes. O último Censo em 2010, em especial, declarou que o número de evangélicos chegou a 22,2% da população brasileira. Isso representa um total de 42,3 milhões de pessoas, das quais 25,8% são crianças na faixa etária de 5 a 9 anos de idade e 25,4% são de adolescentes na faixa de 10 a 14 anos.<sup>6</sup> Portanto, comprovadamente, crianças e adolescentes formam a metade do contingente neste meio.

---

<sup>5</sup> SCHILLING, 2006, p. 102.

<sup>6</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=3&idnoticia=2170&busca=1&t=censo-2010>> . Acesso em 1 out. 2016.

Este dado estatístico corrobora algo já observado por várias pessoas, e inclusive motivo de conversas em rede sociais: para cada adulto que vai à igreja, pelo menos uma criança o acompanha. É avó que leva o netinho, a mãe que leva os filhos e filhas, a tia que leva o sobrinho. Enfim, na companhia do adulto, vai a criança.

Há igrejas que já perceberam esta presença infantil e para ela destina um local apropriado, com uma mensagem bíblica na linguagem dela. Mas, infelizmente, há muitas outras, e em especial as igrejas identificadas como neopentecostais, as ditas mais modernas, que ainda desprezam este/esta pequeno/pequena discípulo/discípula cristão/cristã. São as igrejas que planejam cultos somente para os adultos e adultas e não se preocupam observar as necessidades destes pequenos e pequenas que também vão à Casa do Senhor.

Esta pesquisa, para melhor compreensão metodológica, está disposta em três capítulos que se completam. O primeiro, procura discutir a concepção do termo criança, como ela é (des)percebida dentro das igrejas neopentecostais, e para isso tenta contextualizar o surgimento destas novas igrejas no cenário brasileiro, além de elencar possíveis motivos para a invisibilidade social de certos grupos, como as crianças.

Considerando a intenção de destacar propostas pedagógicas na área da educação cristã que atenda a formação dos pequenos discípulos, no segundo capítulo, optou-se por apresentar a concepção atual de educação, bem como correlacionar a função da educação cristã no desenvolvimento do sentimento de pertencer, o qual a criança necessita despertar na relação com a comunidade religiosa que frequenta.

Por fim, no terceiro capítulo, a partir dos modernos modelos educacionais existentes, expõe-se a necessidade em elaborar propostas pedagógicas de Educação Cristã a ser desenvolvida nas igrejas, para o atendimento das crianças.

Para cumprir esta finalidade, os procedimentos metodológicos aplicados à pesquisa apresentam caráter descritivo e bibliográfico. É descritivo porque se propõe a apresentar trabalhos direcionados às crianças em algumas igrejas e é bibliográfico uma vez que se recorre a várias publicações em livros, revistas, sites diversos, os quais abordam o tema.



## 1 A PRESENÇA QUASE IMPERCEPTÍVEL

Certamente a religião é uma das mais antigas instituições sociais existentes, isso porque o ser humano sempre esteve à procura de sua origem e de outras explicações que contemplem a realidade vivida. Os ritos e os livros sagrados são tão antigos, que chega a ser difícil para os historiadores precisarem as épocas, os lugares e demais características das evocações divinas.

Não se pretende mergulhar em discussões teológicas, filosóficas ou ainda sociológicas sobre o termo religião. Hock, inclusive considera caminhar em “mata fechada das definições de religião”<sup>7</sup> quem tenta conceituar este termo.

Muitos estudiosos e estudiosas discutiram sobre o sentido ontológico, semântico ou ainda etimológico, do vocábulo religião, como Cícero (séc. 106-43 a.C.), que “define *religio* como *cultus deorum*, ou seja, como ‘culto aos deuses e deusas’, como ‘cultivo’ ou ‘adoração’ dos deuses e deusas, estando em evidência o comportamento ritual correto”.<sup>8</sup> Lactânio (séc. III-IV d.C.), por sua vez, “indica um outro significado: ele deriva *religio* de *religare* – ligar (amarrar), ligar de novo, ligar de volta, levar de volta”.<sup>9</sup> Mas é o teólogo cristão Agostinho (séc. IV d.C.) que “adota essa definição e descreve a *religio vera*, a ‘religião verdadeira’, como aquela que é orientada pelo zelo de reconciliar e ‘ligar de volta’ a alma que se afastou de Deus”.<sup>10</sup> E é S. Tomás que propaga para a cultura cristã seguinte, a ideia de que religião refere-se a uma relação com Deus.<sup>11</sup>

Bowker<sup>12</sup>, também aceita que a palavra religião “pode derivar de um verbo, *religare*, significando a junção de duas coisas próximas uma da outra, o que nos revela algo muito importante para as religiões”.<sup>13</sup> Segundo sua concepção a religião é um fenômeno ambivalente, pois é capaz de aproximar a criatura do criador, por exemplo, assim também como é capaz de motivar que religiosos e religiosas atravessem os mares para pregar a outro povo e ainda atravessar oceanos para matar quem seja julgado descrente. A mesma religião que luta pela paz, em seu nome, se faz guerras. Com isso, junta paz e guerra, vida e morte.

<sup>7</sup> HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2010. p. 17.

<sup>8</sup> HOCK, 2010, p. 18.

<sup>9</sup> HOCK, 2010, p. 18.

<sup>10</sup> HOCK, 2010, p. 18.

<sup>11</sup> FILORAMO, G.; PRANDI, C. *As Ciências das Religiões*. 3. Ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 256.

<sup>12</sup> BOWKER, John. *Para entender as religiões*. São Paulo: Editara Ática, 2000.

<sup>13</sup> BOWKER, 2000, p. 6.

O professor Oneide Bobsin acrescenta que “as religiões sofrem desta ambiguidade”<sup>14</sup> porque elas estão inseridas na realidade, sendo inclusive, uma de suas dimensões.

Não obstante, a mata fechada das definições de religião de Hock só deixa clara que a definição do termo vincula-se “a um contexto histórico-cultural específico”.<sup>15</sup>

Na Bíblia, em particular, o que salta aos olhos é o termo igreja. Do grego *ekklesia*, referindo-se à reunião de pessoas, congregação, ou comunidade que comungam da mesma fé e práticas de adoração. No Antigo Testamento registra-se esse tipo de reunião de pessoas para cultuar Deus ou deuses, como em Juízes 2:11-22 ou ainda em Esdras 6:15-22 e muitas outras passagens. No Novo Testamento há Jesus na sinagoga, em Lucas 6:6, como também em Atos 19:32, registra uma assembleia dos efésios que cultuavam a deusa Diana. No entanto, é o apóstolo Paulo quem utiliza o termo *ekklesia* para identificar as pessoas que faziam parte do Corpo de Cristo.<sup>16</sup>

A história da humanidade nomina várias religiões adotadas por séculos e séculos. De todas elas, o Cristianismo é o foco deste trabalho, uma vez que se trata da majoritária no país. E dentro do Cristianismo ainda é lícito ressaltar que há três grandes ramificações específicas, a saber, o catolicismo romano, o ortodoxo e o protestantismo. Por ser o protestantismo a vertente em destaque no trabalho, cabe então alguns comentários ligados especificamente à história do nosso país.

Mesmo sendo o Brasil colonizado por portugueses, estes do seguimento católico, não demorou muito tempo para que os primeiros protestantes adentrassem ao solo brasileiro. Isso ocorreu por volta de 1555, ainda no Brasil Colônia. Cavalcanti aponta primeiramente os franceses e depois os holandeses.

Enquanto isso a presença protestante no Brasil Colônia se resumia à tentativa de estabelecimento de colônias huguenote-francesas no Rio de Janeiro (1555-1566) por fugitivos das perseguições religiosas em seu país de origem e à experiência holandesa (1630-1657), de motivação mercantil, no Nordeste. As tentativas francesas foram prontamente repelidas pelas

---

<sup>14</sup> BOBSIN, Oneide. *Correntes Religiosas e Globalização*. 2. ed. São Leopoldo: CEBI, 2006. p. 33.

<sup>15</sup> HOCK, 2010, p. 18.

<sup>16</sup> A BÍBLIA DA MULHER: leitura, devocional, estudo. Tradução de Almeida. rev. e cor. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. p. 1801.

tropas locais. O Rio de Janeiro, porém, ficou como lugar histórico da realização do primeiro culto evangélico desta parte do planeta.<sup>17</sup>

Pierucci assevera que o protestantismo chega ao Brasil para ficar, com a vinda dos imigrantes estrangeiros, consolidando-se enquanto um “fenômeno populacional significativo”.<sup>18</sup> Os luteranos que fixam residência no sul do país, a partir de 1824, são os responsáveis pelo estabelecimento e permanência da primeira e grande denominação protestante histórica acolhida no país.

Os anglicanos e metodistas também chegaram, e juntamente com os luteranos formam o que os estudiosos denominam de “protestantismo de imigração”.<sup>19</sup>

Para uma melhor compreensão da pluralidade de igrejas que se implantaram no Brasil, necessário se faz agrupá-las sob nomenclaturas específicas, a saber: “as igrejas de imigração, as igrejas históricas e as igrejas pentecostais”.<sup>20</sup> Por igrejas de imigração, entendem-se as que foram fundadas por imigrantes, como os luteranos, anglicanos e parte dos metodistas. Já as igrejas históricas aqui se implantaram através de missões, isto é, vieram para o Brasil, a fim de converter os brasileiros e brasileiras, e são elas compostas de presbiterianos/presbiterianas, batistas e episcopais vindos dos Estados Unidos. E as igrejas pentecostais surgem nas primeiras décadas do século XX, com a Congregação Cristã do Brasil (1910) e a Assembleia de Deus (1911).<sup>21</sup>

Se a primeira vista parece fácil identificar estes grupos de igrejas, o mesmo não ocorre a partir da segunda metade do século XX, quando mudanças de conjuntura internacional influenciam diretamente uma explosão de novas igrejas neste solo pátrio.

Tudo tem referência, segundo Mariano, com a história mundial do protestantismo, o qual atravessa três momentos distintos de mudança, que ficaram conhecidas mundo afora enquanto “três grandes ondas: a puritana, a metodista e a pentecostal”.<sup>22</sup> As três referem-se a correntes de pensamentos que entram em atrito

---

<sup>17</sup> CAVALCANTI, Robinson. Religião e política no Brasil. In: *Cristianismo e política*. Teoria bíblica e prática histórica. Viçosa: Ultimato, 2004. p. 186.

<sup>18</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. Apêndice: As Religiões no Brasil. In: GAARDER, Jostein. HELLERN, Victor. NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 304.

<sup>19</sup> PIERUCCI, 2005, p. 305.

<sup>20</sup> CAVALCANTI, 2004, p. 196.

<sup>21</sup> PIERUCCI, 2005, p. 305-306.

<sup>22</sup> MARIANO, Ricardo. *Pentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. Edições Loyola. São Paulo: 1999. p. 28.

com o pensamento vigente, ocasionando uma ruptura que leva à criação de novas igrejas. Assim, sendo impossível conter a tal nova onda, é certo que cedo ou tarde ela chega ao Brasil, e impacta os fiéis mais abertos a quebra de paradigmas.

Freston citado por Mariano assevera que, especificamente em nossa história:

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911) [...]. A segunda onda pentecostal é dos anos 1950 e início de 1960, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 1970 e ganha força nos anos 1980. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) [...]. O contexto é fundamentalmente carioca.<sup>23</sup>

Há autores como José Hortal<sup>24</sup>, padre e professor da PUC-RJ, que prefere identificar por “gerações” as diferentes fases do protestantismo enraizado no país. Porém, independente da nomenclatura adotada, o que importa é que realmente estamos presenciando o crescimento acelerado da terceira geração de pentecostais. Esta última vertente foi cunhada de “neopentecostalismo” por diversos estudiosos e estudiosas ou ainda, “pentecostalismo autônomo”, de acordo com outros, como Ari Pedro Oro e Antônio Gouvêa Mendonça. O termo “neo” está ligado tanto ao aspecto de tempo, uma vez que essas igrejas surgem a partir da década de 1980, como ao aspecto teológico.

Mariano é enfático

[...] quanto menos sectária e ascética e quanto mais liberal e tendente a investir em atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais), sobretudo naquelas tradicionalmente rejeitadas ou reprovadas pelo pentecostalismo clássico, mais próxima tal hipotética igreja estará do espírito, do *ethos* e do modo de ser das componentes da vertente neopentecostal.<sup>25</sup>

O que é comum entre os especialistas é o fato de a Igreja Universal do Reino de Deus, que surge em 1977, no Rio de Janeiro, ser apontada enquanto a principal representante deste novo segmento.<sup>26</sup> Sua identidade e missão, no

<sup>23</sup> FRESTON, 1993 apud MARIANO, 1999, p. 28-29.

<sup>24</sup> MARIANO, 1999, p. 29.

<sup>25</sup> MARIANO, 1999, p. 37.

<sup>26</sup> MARIANO, 1999, p. 33.

entanto, são dignas de diferentes interpretações por parte dos estudiosos e estudiosas.

Portanto, neste ponto, temos um dos simples contraste com relação às igrejas tradicionais, mas que nos chama a atenção. Enquanto as igrejas clássicas, ou seja, todas as igrejas anteriores às neopentecostais, já trazem no seu bojo uma identidade e uma definição de missão que direciona suas ações, as novas igrejas, ao que se percebe, vão surgindo, e só aos poucos vão se dando conta de firmar um projeto que verdadeiramente justifique sua existência. A própria Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, nasce da cisão de alguns membros com a Igreja Nova Vida. Em sua pesquisa, Mariano aponta a primeira reunião desta que viria a dar origem à igreja, como acontecendo “na sala de uma ex-funerária do bairro da Abolição, subúrbio da Zona Norte do Rio”.<sup>27</sup> Se toma por certo entre os estudiosos que esta nova *ekklesia* só vingou e expandiu-se graças à capacidade administrativa de um de seus fundadores, que em decorrência do rompimento com os demais, passou a dirigir a igreja de forma independente.

Assim, é comum uma igreja neopentecostal surgir a partir de uma liderança forte<sup>28</sup>, diga-se, carismática, atraindo fiéis para suas reuniões, oferecendo cura, libertação, prosperidade<sup>29</sup>, e isso tudo tendo como objetivo atingir a população adulta.

Semelhantemente, à época da escrita da Bíblia, estas instituições só têm por meta atingir os adultos, uma vez que os cultos

[...] baseiam-se em promessas e rituais para cura física e emocional, prosperidade material, libertação de demônios, resolução de problemas afetivos, familiares, de crise individual e de relacionamento interpessoal.<sup>30</sup>

Isso ainda é bem fácil de perceber quando se faz alguma espécie de censo nas igrejas. O que interessa a quem o produz, em geral, é identificar o perfil socioeconômico dos evangélicos e evangélicas, seu nível de escolaridade, sua cor, estado civil. E as crianças, onde estão? Quando são percebidas?

---

<sup>27</sup> MARIANO, 1999, p. 54.

<sup>28</sup> ORO, 1992 apud MARIANO, 1999, p. 35.

<sup>29</sup> BITTENCOURT, 1991 apud MARIANO, 1999, p. 34.

<sup>30</sup> MARIANO, 1999, p. 9.



## 1.1 A concepção de criança e suas necessidades

É bem verdade que a não percepção da infância é um fator cultural que já foi detectado na história da humanidade. Philippe Ariés em sua famosa obra *História social da criança e da família* (cujo original é de 1962), já denunciava esta realidade. O vocábulo infância vem do latim *in-fans* e significa “sem fala” e, por conseguinte, quem não fala, não é ouvido, nem visto, não percebido. E assim é a criança.

Pode-se até compreender que os novos pastores e pastoras e suas igrejas não tenham tomado conhecimento da descoberta da infância de Ariés, todavia, é ignominioso não aprender com a atitude de Jesus frente às crianças. Na Bíblia, independente de qualquer hermenêutica que se possa aplicar à passagem do Evangelho segundo Marcos 10: 13-14, fato é que, Jesus se indignou (esta é a expressão) contra os que impediam as crianças de se aproximarem dele.

E traziam-lhe crianças para que lhes tocasse, mas os discípulos repreendiam aos que lhes traziam. Jesus, porém, vendo isso, indignou-se e disse-lhes: Deixai vir os pequeninos a mim e não os impeçais, porque dos tais é o Reino de Deus (Marcos 10: 13-14).

Segundo Weber, esta atitude de Jesus pode ser compreendida, em parte, porque ele “conheceu existencialmente a vulnerabilidade e humildade objetiva das crianças”.<sup>31</sup>

Uma das especialidades da Psicologia é o estudo do desenvolvimento humano e graças a estas pesquisas, grandes descobertas tem sido feitas com relação ao desenvolvimento físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social da pessoa. Um dos grandes nomes desta exuberante lista de pesquisadores é o do suíço Erik Erikson e ele consegue identificar oito idades pelo qual todo o homem e mulher passam. Desde o nascimento até a velhice, Erikson explica em detalhes o que acontece no corpo e nas emoções do ser humano.<sup>32</sup> Outro autor que também é muito conhecido é Jean Piaget, que por sua vez elenca uma sucessão de estágios de desenvolvimento<sup>33</sup> atravessados pelo indivíduo, tendo por base também o que acontece no corpo e no pensamento. Podemos citar ainda os estudos de Vigotski, Freud, Wallon e outros. No entanto, o que há de comum nestas teorias de

<sup>31</sup> WEBER, Hans-Ruedi. *Jesus e as crianças*. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 57.

<sup>32</sup> BARROS, Célia Silva Guimarães. *Pontos de Psicologia do Desenvolvimento*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 88.

<sup>33</sup> COCK, Ana Mercês Bahia. *Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2002. p. 101.

desenvolvimento é que a infância existe, e é apontada enquanto um momento muito delicado da vida, no qual todos os traços de personalidade são consolidados, portanto, é necessário cuidado, atenção, zelo, com as crianças. Elas são seres humanos em pleno desenvolvimento.

No que tange às crianças, nas poucas passagens envolvendo Jesus e os pequenos, fica nítido o cuidado dele para com estes infantes. “Para ele, a criança não era matéria-prima para a educação, mas o símbolo do verdadeiro discipulado e, além disso, verdadeiro representante dele mesmo e de Deus”.<sup>34</sup> Logo, o que temos então é um contraste, uma vez que para os judeus as crianças eram, bem verdade, heranças que vinham do Senhor, no entanto, existiam para receber a educação religiosa que a tornava digna de pertencer ao seu povo.

Klein assevera que “para o povo de Israel, na época do AT, não existia separação ou diferença entre educar para a vida e educar para a fé”.<sup>35</sup> Portanto, eram tidas enquanto seres que precisavam ser ensinados na disciplina da Torá relativo ao temor e amor a Deus. Este era o rito cultural do povo que persistia à época de Jesus.

As crianças tinham o seu valor enquanto descendência, continuação do povo e da aliança. A preocupação era com a Torá e não com a criança. Por isso também a educação estava centrada na Torá e tinha nela suas motivações, seu fundamento, sua norma e seu conteúdo. A Torá tinha força de educação e o seu guardião no âmbito da vida diária era o pai de família. Era uma educação teocêntrica.<sup>36</sup>

De fato, “os israelitas não idealizavam as crianças, nem prestavam atenção a sua individualidade”.<sup>37</sup> Assim, a manifestação de apreço de Jesus para com as crianças invertia a ordem de precedência e de valor costumeiro àquela época, causando estranhamento a quem estava ao seu redor.

Não é a toa que Jesus pega uma criança, toma-a em seus braços em meio aos discípulos e afirma “qualquer que receber uma destas crianças em meu nome a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, recebe não a mim, mas ao que me enviou” (Marcos 9:37). Aqui ele é enfático: elas o representam e a seu grande Pai também. Um mundo no qual os adultos, e mais precisamente os homens, se sentem importantes, Ele nega esta valoração ao dizer que seu Reino pertence aos

<sup>34</sup> WEBER, 1986, p. 35.

<sup>35</sup> KLEIN, Remí. A criança, a Bíblia e a história. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, RS, v. 25, maio-ago. 2011. p. 42.

<sup>36</sup> KLEIN, 2011, p. 44.

<sup>37</sup> KLEIN, 2011, p. 44.

pequenos e pequenas, e através deles e delas se deve aprender como buscar ao Senhor.

O Jesus que cuida, que se preocupa com os excluídos e as excluídas, mais uma vez demonstra a que veio. Boff o identifica como “um ser de cuidado”.<sup>38</sup> E conceitua o termo cuidado enquanto “uma relação amorosa para com a realidade, com o objetivo de garantir-lhe a subsistência e criar-lhe espaço para o seu desenvolvimento”.<sup>39</sup>

Esta relação amorosa com as crianças continua a existir no tocante a parte de Jesus. Então por que a igreja que prega o amor de Jesus tem esquecido dos pequeninos e pequeninas?

Ponick já denunciava que:

Na igreja, montamos um esquema de celebração voltado para os adultos. Os nossos bancos da igreja são para os adultos. Os nossos prédios não possuem ambiente de trabalho para as crianças. O trabalho com as crianças sempre precisa ser adaptado dentro de uma estrutura voltada para os adultos.<sup>40</sup>

Infelizmente, é o que sempre se viu e ainda persistirmos em ver, as igrejas não enxergando este pequeno público que sempre acompanhou a mãe, a avó, o pai, a tia, enfim, o adulto, ao templo. Faz-se necessário lembrar que ao anular a importância da infância, prejudica-se sobremaneira o privilégio de viver a espiritualidade sadia, completa, que vivifica o ser humano durante os desafios da vida. Portanto, urge reconhecer o lugar e o papel especiais que as crianças ocupam no coração de Cristo.

É verdade que as igrejas mais antigas já desenvolvem excelentes trabalhos de acolhida e educação voltados para as crianças. Os luteranos e luteranas, batistas, assembleianos e assembleianas e outros, possuem atividades específicas para a formação dos pequenos e pequenas cidadãos e cidadãs que frequentam suas igrejas. Há cultos infantis, escolas bíblicas direcionadas ao público infanto-juvenil, editoras que lançam toda sorte de material de leitura e até lúdico só para as crianças. E isso é muito bom, afinal é na infância o melhor tempo para se aprender

<sup>38</sup> BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 168.

<sup>39</sup> BOFF, Leonardo. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília: Letraviva, 2000. p. 106.

<sup>40</sup> PONICK, Edson et al. *Crianças na Bíblia*. São Leopoldo: Sinodal, 1993. p. 58.

sobre valores religiosos. Nesta fase, a personalidade está em construção como diz a Psicologia e seus cientistas.

No entanto, isso não tem sido levado adiante quando as novas igrejas são criadas. A terceira geração de pentecostais que tem aberto igrejas em todos os cantos do país tem negligenciado sobremaneira a acolhida aos infantes. Simplesmente, as crianças continuam invisíveis socialmente para a liderança neopentecostal.

## 1.2 A realidade da invisibilidade social

Sobre invisibilidade social, Santos escreve que ela é resultado de um modelo de racionalidade vigente a qual denomina de razão indolente, que tem excluído, discriminado e desperdiçado experiências sociais, e propõe um modelo diferente de racionalidade, identificada como razão cosmopolita.<sup>41</sup> Em seu pensamento, a razão metonímica, uma das faces da razão indolente, é responsável diretamente por reivindicar para si o reconhecimento de ser “a única forma de racionalidade e, por conseguinte, não se aplica a descobrir outros tipos de racionalidade ou, se o faz, fá-lo apenas para torná-las em matéria-prima”.<sup>42</sup> Esta razão “é obcecada pela ideia da totalidade sob a forma da ordem... [e valoriza] a dicotomia, porque combina, de modo mais elegante, a simetria com a hierarquia”.<sup>43</sup> Em outras palavras, o que temos graças a esta maneira de pensar, é que “o todo é uma das partes transformada em termo de referência para as demais”.<sup>44</sup> Assim compreende-se o porquê de se valorizar o civilizado mais que o primitivo, a cultura mais que a natureza, o homem mais que a mulher, o adulto mais que a criança e por aí segue.

Visando neutralizar esta prática de concepção da realidade, Santos propõe então “pensar os termos das dicotomias fora das articulações e relações de poder que os unem como primeiro passo para libertá-los dessas relações, e para revelar

---

<sup>41</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 171.

<sup>42</sup> SANTOS 2006, p. 172.

<sup>43</sup> SANTOS 2006, p. 174.

<sup>44</sup> SANTOS 2006, p. 174.

outras relações alternativas que têm estado ofuscadas”.<sup>45</sup> Para isso ele apresenta um procedimento que designou sociologia das ausências, que:

[...] trata-se de uma investigação que visa a demonstrar que o que não existe é, na verdade, ativamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa não crível ao que existe [...] o objetivo da sociologia das ausências é transformar objetos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças.<sup>46</sup>

O que este autor sugere com singularidade é uma mudança de atitude na nossa forma de conceber o mundo. É preciso parar de tomar como referência um determinado aspecto e a partir daí, avaliar os outros. Infelizmente é isso que fazemos todos os dias e no que tange ao alvo deste trabalho específico, tem sido uma atitude efêmera desqualificar as crianças que adentram aos templos, em prol de adultos mergulhados numa série de situações moralmente desprezíveis que vão, cada vez mais às igrejas, em busca de favores de Deus, do que efetivamente, buscarem a ter uma relação genuína com o Criador. Uma relação de dependência, sem interesses financeiros, por exemplo, é a relação entre filho/filha e pai/mãe. O filhinho/a filhinha espera a presença do pai/mãe todos os dias, o seu abraço, o convívio diário, logo uma relação autêntica de amor.

O mais interessante ainda é que geralmente a mãe entra na igreja não apenas com um filho ou filha, assim a avó que leva os netinhos, as netinhas. Isso é facilmente observável quando se fica a porta de uma igreja; o adulto não vem só, em geral, vem pelo menos uma criança ao seu lado. Parece não haver lógica na não observância destes pequenos e pequenas durante as programações de culto das igrejas neopentecostais.

Todavia, Santos continua a nos dar pistas de como se consolida a invisibilidade de alguns grupos, ao distinguir “cinco lógicas ou modos de produção da não-existência”.<sup>47</sup> São elas, a monocultura do saber e do rigor do saber, a monocultura do tempo linear, a monocultura da naturalização das diferenças (ou, simplesmente, a lógica da classificação social), a lógica da escala dominante e, por fim, a monocultura dos critérios de produtividade capitalista (ou lógica produtivista). Para não nos estender na complexidade das lógicas, vamos destacar apenas a segunda e a última.

---

<sup>45</sup> SANTOS 2006, p. 179.

<sup>46</sup> SANTOS 2006, p. 179.

<sup>47</sup> SANTOS 2006, p. 180.

A lógica da classificação social “consiste na distribuição das populações por categorias que naturalizam hierarquias. A classificação racial e a classificação sexual são as mais salientes manifestações desta lógica”.<sup>48</sup> Assim há uma classificação valorativa para as partes, sendo uma considerada superior e outra, inferior. E “quem é inferior, porque é insuperavelmente inferior, não pode ser uma alternativa crível a quem é superior”.<sup>49</sup> Em outros termos, quem é inferior não existe, não é considerado, não é percebido. Então, quem vai perceber uma criança, por exemplo, se o importante é o adulto?

Já a lógica produtivista corrobora tal racionalidade uma vez que...

[...] o crescimento econômico é um objetivo racional inquestionável e, como tal, é inquestionável o critério de produtividade que mais bem serve esse objetivo. Esse critério aplica-se tanto à natureza como ao trabalho humano. A natureza produtiva é a natureza maximamente fértil num dado ciclo de produção, enquanto o trabalho produtivo é o trabalho que maximiza a geração de lucros igualmente num dado ciclo de produção.<sup>50</sup>

Traduzindo, todos e todas que são improdutos e improdutivas, não são dignos/dignas de serem considerados/consideradas; são simplesmente desqualificados e desqualificadas para o sistema capitalista, no qual se está inserido. Aplicando esta concepção ao nosso objeto de estudo, é possível compreender que já que criança não produz, não tem dinheiro para comprar, ou para dar, por que perder tempo com ela? Simplesmente a infância é uma forma social da vida humana que não existe, não conta para o mundo, é desqualificada para existir.

Carlos Queiróz, diretor da ONG Diaconia, no artigo *Deus na Criança*, enfatiza que “toda religião que se torna grande, se torna racionalista, burocrática e litúrgica, e, conseqüentemente, marginaliza as classes populares, os pobres e, no caso, as crianças”.<sup>51</sup> E desafia,

Se você quer saber se a igreja tem a maquete de um grande negócio, pergunte quantas crianças participam das atividades. Como elas não pagam a conta, são excluídas ou tidas como secundárias na empresa religiosa, que não se interessa pela criança como cliente.<sup>52</sup>

<sup>48</sup> SANTOS 2006, p. 180.

<sup>49</sup> SANTOS 2006, p. 181.

<sup>50</sup> SANTOS 2006, p. 181-182.

<sup>51</sup> QUEIROZ, Carlos. Deus na criança. In: FASSONI, Klenia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton (Orgs.). *Uma criança os guiará*. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 44.

<sup>52</sup> QUEIROZ, 2010, p. 53.

Na contramão desta concepção humana, há registrado na Bíblia o Salmo 127, o qual nada mais é do que uma bela lição de valores, ficando evidente que as pessoas valem mais que as coisas, e neste caso específico, os filhos e filhas.

Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela. Inútil vos será levantar de madrugada, repousar tarde, comer o pão de dores, pois assim dá ele aos seus amados o sono. Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre, o seu galardão. Como flechas na mão do valente, assim são os filhos da mocidade. Bem-aventurado o homem que enche deles a sua aljava; não serão confundidos, quando falarem com os seus inimigos à porta. (Salmo 127)

A criança começa a ter experiência com a fé desde pequenina, ainda nos braços da pessoa que cuida dela. É James W. Fowler em sua obra *Estágios da Fé*, que nos traz a revelação.

Segundo Fowler, todas as pessoas tem fé, uma vez que ela é uma preocupação humana universal, e já “ao nascer, somos dotados com capacidades inatas para a fé”.<sup>53</sup> Por isso é caracterizada enquanto fundamental, pois ninguém vive sem ela, é universal, por ser o mesmo fenômeno para todos e todas, e é infinitamente diversificada, uma vez que a fé de cada pessoa é única.

O que forma o padrão da nossa fé são as pessoas, instituições e causas que amamos e em que confiamos e ainda as imagens do bem e do mal, de possibilidades e probabilidades com as quais estamos comprometidos e comprometidas. Daí, se afirmar que a “fé sempre é relacional”<sup>54</sup>, pois nasce a partir dos relacionamentos que estabelecemos com outras pessoas. E o mais importante, “fé é uma orientação da pessoa total, dando propósito e alvo para as lutas e esperanças, para os pensamentos e ações da pessoa”.<sup>55</sup>

Visto desta maneira, se pode afirmar que a fé tem a ver com crescimento e desenvolvimento. Assim, é possível educar e acompanhar o ser humano na sua jornada na fé e na busca por sentido de vida, nas diferentes etapas da sua existência.

---

<sup>53</sup> FOWLER, James. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 10.

<sup>54</sup> FOWLER, 1992, p. 25.

<sup>55</sup> FOWLER, 1992, p. 24.

## 2 FIXANDO RAÍZES

Independente da denominação, todas as igrejas cristãs mantêm por missão proclamar fielmente o evangelho do reino e os ensinamentos deixados por Jesus. Não que elas reduzam seu alvo exclusivamente ao ensino, pois sabemos que elas são instituições muito mais abrangentes.

As igrejas neopentecostais não se furtam a esta finalidade e na ânsia de assim proceder, tem-se multiplicado cada vez mais. E o ensino ministrado no interior das igrejas é o que de fato mantém o fiel ligado à instituição. Junto à pregação dos princípios bíblicos, associada a uma ministração que leva o cristão e a cristã, a mudar de comportamento, passando a adotar novas práticas em todas as áreas de sua vida, culmina uma educação transformadora. Esta educação que provoca mudança de comportamento tem gerado fiéis cada vez mais comprometidos com suas igrejas. Homens e mulheres que não hesitam em testemunhar em qualquer hora e lugar, o que Deus fez na sua vida, depois que passou a frequentar tal igreja, e os projetos que almeja para um futuro bem próximo. Testemunhos estes, que quando ouvidos por outras pessoas, conseguem atrair a atenção e o desejo do e da ouvinte.

Mas que educação transformadora é esta que a igreja tem investido tanto?

### 2.1 O fenômeno educação

Primeiramente vejamos a concepção deste fenômeno educação e sua relevância para a humanidade. O termo em si é complexo, uma vez que está ligado à temporalidade histórica de uma sociedade. E assim como o sistema social muda, o conceito de educação evolui.

Etimologicamente, o significado surge a partir de dois termos latinos “*educare* (alimentar, cuidar, criar, referido tanto às plantas, aos animais, como às crianças); *educere* (tirar para fora de, conduzir para, modificar um estado)”.<sup>56</sup> Daí, conclui-se *a priori* que “educar, em seu sentido etimológico, é conduzir de um estado para outro, é agir de maneira sistemática sobre o ser humano, tendo em vista prepará-lo para a vida num determinado meio”.<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 7. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 72.

<sup>57</sup> PLANCHARD, 1975 apud LIBÂNEO, 2004, p. 72.



Libâneo assinala ser este posicionamento, que reduz a ação educadora enquanto mera transmissão de valores, cultura, regras sociais às crianças, a fim de que elas reproduzam comportamentos sociais dos adultos, uma visão estrutural-funcionalista, portanto, muito conservadora. É fato que a educação tem esta função adaptativa, mas também corresponde a uma ação ligada à produção e não apenas, reprodução da vida em sociedade.<sup>58</sup>

Para a maioria dos autores a educação é apontada enquanto um processo de desenvolvimento, uma vez que o ser humano se desenvolve e se transforma continuamente, e à educação cabe o papel de agir na configuração da personalidade.<sup>59</sup>

Sob esta ideia balizadora, muitas concepções pedagógicas de educação foram surgindo ao longo da história, e dentre estas definições clássicas pode-se destacar: as concepções naturalistas ou inatistas, as quais defendem que a finalidade educativa seria trazer à tona (ou tirar para fora), o que já existe na natureza do indivíduo. As concepções culturalistas de educação enfatizam que ao apropriar-se dos valores culturais, o indivíduo consolida a vida interior, sua personalidade e com isso cria mais cultura. As concepções ambientalistas dizem que a educação é uma imposição ao educando de maneiras de ver, sentir e agir de acordo com os valores sociais. As concepções espiritualistas concebem a educação como um processo interior mediante o qual cada pessoa vai se aperfeiçoando, à medida que recebe as verdades ensinadas. As concepções interacionistas, as mais estudadas atualmente, tem em comum a ideia que a aprendizagem é um processo interativo em que os indivíduos constroem seus conhecimentos através da sua interação com o meio.<sup>60</sup>

Como se vê, só nos exemplos acima se encontram diversas formas de significar o fenômeno educação. Todavia, Libâneo é enfático ao revelar que o “processo educativo, por consequência, é um fenômeno social, enraizado nas contradições, nas lutas sociais, de modo que é nos embates da práxis social que vai se configurando o ideal de formação humana”.<sup>61</sup>

Com isso defende a ideia de uma prática educativa intencional consoante a “promoção do desenvolvimento individual e de inserção social dos indivíduos,

---

<sup>58</sup> LIBÂNEO, 2004, p. 73.

<sup>59</sup> LIBÂNEO, 2004, p. 74.

<sup>60</sup> LIBÂNEO, 2004, p. 74-77.

<sup>61</sup> LIBÂNEO, 2004, p. 78.

envolvendo especialmente a educação escolar e extraescolar”.<sup>62</sup> É deste autor ainda a identificação de um caráter crítico-social atribuído à educação.

Independente de qualquer prisma que se perceba, a mesma é responsável, com exclusividade, pelo desenvolvimento contínuo do ser humano e, por consequência, da sociedade. A própria Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), fundada logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de contribuir para a paz e segurança no mundo, através da educação, da ciência, da cultura e das comunicações, legitima

A educação ao longo de toda a vida é uma construção contínua da pessoa humana, do seu saber e das suas aptidões, mas também da sua capacidade de discernir e agir. Deve levá-la a tomar consciência de si própria e do meio que a envolve e a desempenhar o papel social que lhe cabe no mundo do trabalho e na comunidade.<sup>63</sup>

Nesse sentido, a pessoa se educa a vida inteira, sendo que o início do processo se dá na infância e prossegue por todas as demais fases. Lógico, que isto não implica dizer, que se está fadado a receber educação formal pelo resto da vida, mas que o processo educativo ocorre até mesmo em situação informal.

Uma comissão internacional criada pela UNESCO para relatar sobre a educação no mundo justifica esse permanente processo educativo ao qual está submetido a pessoa graças à sociedade multifacetada do século atual. Segundo seus pesquisadores, vivemos numa era de exigências e informações rápidas, efêmeras, que por muitas vezes desvirtuam em vez de ajudar o ser humano. Assim é preciso que a educação assuma um novo contorno, a qual propiciará ferramentas adequadas para o cidadão e a cidadã viver e conviver em meio à celeridade da vida moderna. Propõe-se, a partir deste dado, que a educação seja alicerçada em quatro pilares básicos, os quais passam a nortear o sistema educativo dos países interessados em caminhar juntos no século XXI.

Os pilares do conhecimento propostos consistem em quatro aprendizagens a serem veladas, a saber: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.<sup>64</sup> Todos estão intimamente relacionados, não sendo possível, ou pelo menos não devendo, separar a ação educativa concernente a eles.

---

<sup>62</sup> LIBÂNEO, 2004, p. 82.

<sup>63</sup> DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1999. p. 106.

<sup>64</sup> DELORS, 1999, p. 90.

Quando se trabalha um ser humano na expectativa de que ele aprenda a aprender, a fim de que possa se beneficiar das oportunidades que surgirem na sua vida, na verdade estamos investindo no fundamento aprender a conhecer. Já o aprender a fazer, não se desliga do anterior, e diz respeito não apenas a qualificação profissional, mas a aquisição de competências que serão exigidas no percurso diário do indivíduo. O aprender a viver juntos são aprendizagens ligadas à percepção e compreensão do outro, ao pluralismo de valores, a interdependências, ou seja, aprender a conviver com os e as semelhantes. Por fim, o aprender a ser envolve uma aprendizagem que estimula o desenvolvimento da personalidade, atentando para diversos aspectos como inteligência, sensibilidade, responsabilidade, ou seja, entender o educando e a educanda enquanto um ser biopsicosocioespiritual, o qual precisa ser atendido/atendida em todas as dimensões.<sup>65</sup>

Esta concepção de educação que atende a formação de um ser humano completo imerso no mundo em mudanças rápidas foi propagada pelos quatro cantos do planeta através da UNESCO, e tem realmente servido de norte para as políticas públicas educativas em diversas nações.

O interessante é que há mais de dois milênios, a humanidade já recebia este tipo de proposta educativa. No livro de Provérbios, capítulo 22, versículo 6, está registrado “educa a criança no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele”. E ainda há uma enorme série de passagens bíblicas apontando para a importância que o Senhor dá às crianças e a sua formação. Logo, não pode haver escusa para nossos pregadores e as igrejas neopentecostais quando desconsideram os pequeninos, preparando a acolhida e os sermões somente para os adultos. À criança, quando muito, sobra um cantinho, fora do salão principal, as quais devem permanecer ali para não incomodar os pais durante o culto.

E o que ensinar às crianças que vão à igreja? Bem, se esta é a dúvida, vamos então aprender com as igrejas clássicas (as migratórias, históricas e pentecostais), pois elas têm realizado um excelente trabalho com os pequeninos e pequeninas.

---

<sup>65</sup> DELORS, 1999, p. 90-101.

## 2.2 Educação Cristã e suas especificidades

O que se desenvolve dentro dos templos evangélicos é a chamada Educação Cristã, a qual a teóloga Sherron K. George define enquanto “processo deliberado e intencional pelo qual Cristo é formado nas pessoas, visando à transformação, formação e crescimento da pessoa toda e da igreja toda em todo o tempo”.<sup>66</sup>

À miúdo, é o processo educativo que ensina a pessoa a viver valorizando os princípios cristãos (valores morais, éticos e de responsabilidade social) deixados por Jesus, o expoente referencial. Esta formação individual, que faz a pessoa desenvolver-se nas várias dimensões de vida (intelecto, emoção, social, espírito), propicia na mesma intensidade o crescimento da comunidade de fé na qual este ser está inserido, ou seja, a igreja cresce, quando seus integrantes recebem uma educação cristã.

O grande diferencial da educação cristã é que ela informa, forma e transforma o aluno de maneira superior à educação convencional. Uma possível explicação para este fato pode ser encontrado também no posicionamento de George, quanto à educação cristã. Segundo ela, neste tipo de educação “há dois componentes essenciais no ensino: a verdade – o conteúdo, o racional, o objetivo; e o amor – o afetivo, o relacional, o subjetivo”.<sup>67</sup> Assim, a verdade não seria apenas o conhecimento intelectual, mas também algo que é vivido, praticado em amor. Quem ensina, a semelhança de Jesus, deve praticar, deve ser exemplo. E ver o que é ensinado sendo vivido de fato, faz toda a diferença na vida do aprendiz. O que se ensina na Educação Cristã é a Bíblia de maneira dinâmica.

O que ensinamos da Bíblia? O cerne é a pessoa e a ação do Deus trino de amor na história humana. Na Bíblia, conhecemos a Deus e a humanidade. Na Bíblia, conhecemos a intenção graciosa de Deus de dar a plenitude de vida para todas as criaturas e à criação. A Bíblia ensina-nos os princípios, valores e virtudes que norteiam a plenitude, a vivência e a unidade da fé comprometida e comunitária.<sup>68</sup>

No que tange à educação cristã, diz-se que ela informa, porque transmite um conteúdo, o qual é analisado segundo os princípios do Evangelho. Ela forma, porque

<sup>66</sup> GEORGE, Sherron Kay. *Igreja Ensinadora: fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã*. 2. ed. Campinas-SP: Luz para o Caminho, 1993. p. 14.

<sup>67</sup> GEORGE, Sherron Kay. Educação para a fé comprometida com a totalidade da vida hoje. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 49, n.1, p. 144-152, 2009. p. 145.

<sup>68</sup> GEORGE, 2009, p. 148.

o conteúdo recebido é assimilado para integrar o caráter do aluno, isto é, a formação do caráter é alvo do ensino, é prioridade. E por fim, transforma porque é a culminância desse processo de conteúdo recebido e refletido que gerou formação de caráter na pessoa, caráter este de acordo com o de Cristo, o qual transmitia virtudes para quem o acompanhava.

Mas que virtudes são essas que quando ensinadas mudam o caráter? As igrejas e escolas que trabalham com este tipo de educação, adotam o que chamam de princípios bíblicos em sua metodologia de ensino. De acordo com o casal de pastores Luis e Regina Vasconcelos, princípios bíblicos “são ensinamentos básicos; verdades práticas que estão na Palavra de Deus e que devem ser aplicadas em todas as áreas da nossa vida, seja familiar, espiritual, etc.”<sup>69</sup> O que eles defendem é que tais princípios estimulam a mente das pessoas a discernir entre o bem e o mal, e que por isso devem ser aplicados diariamente e em todas as situações.

Há sete princípios básicos que são largamente difundidos no meio cristão, não que sejam os únicos, mas com certeza, são os mais comumente trabalhados nas igrejas, a saber: caráter, mordomia, autogoverno, semear e colher, união, individualidade e soberania.

O princípio do Caráter justifica-se dada a necessidade de adaptar este conjunto das qualidades e dos hábitos que cada indivíduo possui, ao caráter de Cristo, o Eterno referencial. A Mordomia, por sua vez, diz respeito à atribuição que o ser humano recebe diretamente de Deus para administrar com zelo tudo aquilo que lhe chega à mão (bens materiais, meio-ambiente, tempo, pessoas, tarefas). O princípio do Autogoverno refere-se à capacidade que a pessoa tem de controlar o seu comportamento, suas atitudes. Com este princípio estimula-se o indivíduo a tomada de decisões racionais, além de manter o equilíbrio em meio a qualquer adversidade da vida. Já o princípio de Semear e Colher nada mais é do que a lei da semeadura e da colheita. Tudo o que se plantar, seja através de palavras grosseiras, de desobediência, de atos agressivos, certamente se colherá na mesma proporção. Por isso é preciso ter cuidado e prestar atenção a tudo que fizer ou falar, porque haverá colheita de todos os atos e palavras. A União é princípio que ensina que se deve procurar conviver em harmonia, cultivando o sentimento do amor, da paz, da misericórdia. A Individualidade defende a identidade de cada um e a

---

<sup>69</sup> VASCONCELOS, Luis e Regina. *Princípios Bíblicos*. São Paulo: Semente de Vida, 2012. p. 14.

necessidade do respeito para com identidades distintas. A Sabedoria proclama que Deus detém a autoridade total sobre todas as coisas e sobre todas as criaturas, e por isso é preciso obedecê-lo sempre.<sup>70</sup> As igrejas e escolas que adotam estes princípios bíblicos como pilares norteadores do ensino, acreditam que conseguem imprimir no e na aprendiz um caráter cristão, que consegue tomar decisões, viver e conviver de acordo com a ética bíblica.

Algo que vale a pena ressaltar, graças à similitude de pensamento é o fato de Leonardo Boff em sua obra intitulada *Virtudes para um Outro Mundo Possível*, composta de três volumes, publicados nos anos de 2005 e 2006, também sugerir “virtudes”, o mesmo que princípios, a serem desenvolvidos pelas pessoas, as quais segundo ele, contribuiriam para uma vivência de melhor qualidade no planeta. São elas: a hospitalidade, enquanto “um dever que todos devem praticar e é um direito que todos devem gozar”<sup>71</sup>; a convivência, virtude que trata do respeito às diferenças<sup>72</sup>; e a comensalidade que chama a atenção para a preservação dos recursos naturais do planeta, da justiça social, da cultura da paz<sup>73</sup>. O autor reconhece que o mundo vive em conflitos, individuais, comunitários e planetários. Então propõe que estas virtudes sejam difundidas e vividas por todos e todas que desejam um *oikos* humanamente habitável.

De fato, a educação cristã não trabalha conhecimento sem dar sentido a ele, sem tentar usar este conhecimento para ajustar o caráter do educando e da educanda e com este ajuste, provocar a transformação no comportamento do mesmo e da mesma. Se pudermos comparar a educação convencional à educação cristã, percebemos *a priori*, que o forte da educação tradicional tem sido investir no aprender a conhecer e no aprender a fazer, isto é, tem se preocupado com o conhecimento epistemológico apenas. Já a educação cristã, consegue trabalhar com maestria todos os quatro pilares educacionais (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser), investindo com sabedoria no conhecimento ético e estético.

---

<sup>70</sup> VASCONCELOS, 2012, p. 22-84.

<sup>71</sup> BOFF, Leonardo. *Virtudes para um Outro Mundo Possível*. v. I: Hospitalidade: Direito & Dever de todos. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 110.

<sup>72</sup> BOFF, Leonardo. *Virtudes para um Outro Mundo Possível*. v. II: Convivência, Respeito & Tolerância. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 47.

<sup>73</sup> BOFF, Leonardo. *Virtudes para um Outro Mundo Possível*. v. III: Comer & Beber Juntos & Viver em Paz. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 134.

A assertiva pode até parecer conflitante, uma vez que o sistema de ensino brasileiro sempre contou com a parceria do conhecido ensino religioso nas escolas. Na verdade, foi o primeiro ensino a se instalar por aqui. Basta lembrar a chegada dos jesuítas com sua missão de catequizar os indígenas, para comprovar essa realidade. Inclusive, mais recentemente, temos a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que em seu art. 33 legitima o ensino religioso nas escolas do país.<sup>74</sup> Mas é bom lembrar que a educação cristã e ensino religioso não são termos sinônimos. O ensino religioso é um componente curricular que trata da diversidade religiosa na nação e que justamente por isso, encontra uma série de controvérsias sobre o que ensinar nas escolas. Por sua vez, a educação cristã é classificada enquanto uma filosofia de educação, isto é, como uma perspectiva educacional que toma os valores cristãos como referência de ensino, e é praticada em igrejas e em algumas escolas de identidade cristãs.

A educação cristã não é uma filosofia de educação recente, e ela tem encontrado sua justificativa em razão de vivermos em um mundo pluralista, no qual os fins da ação educativa passam a ser um desafio para qualquer sistema de ensino e ainda qualquer educador contemporâneo. Paviani esclarece,

Vivemos numa sociedade que perdeu o ponto de unidade fornecido pela razão ocidental e marcada por fortes e profundas transformações econômicas, sociais e políticas. Vivemos momentos de sacralização, na busca de novos mitos, e momentos de dessacralização, de derrubada de mitos. Vivemos num constante processo de inversão de valores. Neste panorama, entre os diversos aspectos que marcam a sociedade atual, devemos destacar a ideologia da industrialização. Chegamos ao extremo de industrializar o comportamento, a cultura e até a esfera da própria consciência. Está aí o fenômeno da cultura de massa que, especialmente, através dos meios de comunicação, tende a uniformizar e impor seus padrões a toda a sociedade, sufocando, assim, as culturas diferenciadas. Vivemos uma sociedade dividida, onde os modos de pensar e de agir se encontram simplesmente setorizados, em conflito.<sup>75</sup>

Apesar disso, o próprio autor diz ainda haver maturidade da consciência neste homem contemporâneo, o qual em meio ao pluralismo cultural busca fundamento para esta nova ordem.

Se é verdade que os valores, as ideias já não têm a mesma validade para todos, também é verdade que as minorias reclamam seu espaço como

---

<sup>74</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 1 out. 2016.

<sup>75</sup> PAVIANI, Jayme. *Problemas de Filosofia da Educação: cultural, político ético na escola, pedagógico epistemológico no ensino*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 32-33.

jamais havia antes acontecido na história. Se a ambiguidade, a novidade e a mentira estão presentes nas relações sociais e na opinião pública e torna-se cada dia mais difícil distinguir entre o falso e o verdadeiro, o justo e o injusto, o lugar e a função de cada pessoa e instituição, também não podemos ignorar as aspirações de paz e de bem comum que muitos homens e grupos estão exigindo. Apesar da miséria e da fome há um sinal de esperança e de fé no homem de nosso tempo. Há uma crescente conscientização do homem que luta por seus direitos, que deseja participar dos destinos dos povos, das instituições e que, mais do que nunca, tem uma noção de sua grandeza e pequenez. Tem consciência de seus limites, da finitude e da transcendência, do conhecimento do próprio corpo e do universo cósmico. Os limites do trabalho, do poder, da opressão e da liberdade. O homem de hoje, vacilando entre a fé e o ceticismo, procura construir seu modelo de sociedade.<sup>76</sup>

Como se percebe, a educação desenvolvida por um determinado grupo social é definida considerando a filosofia do grupo, ou seja, o conjunto de valores que orienta suas ações. Assim a educação cristã, enquanto uma filosofia educativa, praticada dentro do seguimento evangélico é uma resposta à demanda social deste grupo e têm sido vastamente divulgada em virtude de termos hoje homens e mulheres que ignoram valores morais e éticos básicos, como o respeito ao próximo, a diversidade cultural, o cuidado com o meio ambiente, a tolerância religiosa, o cuidado até consigo mesmo. Os lugares, antes imaginados seguros, como a família e a escola, tem sido palco de atos bárbaros contra a criança, a mulher, o idoso. O *bullying*, o assédio sexual, o racismo, o preconceito de toda espécie, são facilmente identificados no interior da escola, o local de formação, por excelência.

Na verdade, diversos educadores atuais chamam a atenção para necessidades específicas no processo educativo. Por exemplo, Leonardo Boff<sup>77</sup> defende uma cultura de paz, Philippe Perrenoud<sup>78</sup> quer a construção de competências, Edgar Morin<sup>79</sup> fala de saberes necessários para a educação. Enfim uma série de nomes para o resgate de princípios éticos, e isso tudo porque reconhecem o valor que uma educação bem ministrada pode causar nas vidas.

O próprio Lutero, quando da Reforma Protestante, já chamava a atenção para a necessidade de se investir em educação. O desejo dele era que as crianças fossem formadas em escolas para se tornarem homens e mulheres necessários ao mundo. O professor Dorival Adair Fleck destaca:

---

<sup>76</sup> PAVIANI, 1990, p. 32-33.

<sup>77</sup> BOFF, 2006, p. 134.

<sup>78</sup> PERRENOUD, Philippe. *Construir as Competências desde a Escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

<sup>79</sup> MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.



Uma das revoluções que a Reforma provocou foi a vulgarização da leitura da Bíblia, com sua tradução para a língua alemã. Essa vulgarização, porém, exigia que as pessoas soubessem ler. E foi para Lutero motivo de constante exortação que se criassem escolas e que se levassem as crianças à escola.<sup>80</sup>

Na visão de Lutero a escola que serviria para transmitir cultura básica e formação de qualidade seria uma escola cristã, uma vez que a educação teria as funções temporal e espiritual, simultaneamente. Assim, escola e igreja, na concepção do reformador, estavam entrelaçadas.<sup>81</sup>

Outro que também manifestou interesse pela educação cristã foi Comenius, um pastor, que transformou a educação de sua época. Ele é respeitado enquanto um excelente educador, pois apresentou metodologias de ensino inovadoras para a sua época. Inclusive lançou uma obra intitulada *Didática Magna*, a qual consistia em manual de ensino e aprendizagem direcionada aos professores e professoras. Defendia a educação de crianças, com a criação de escolas maternas para este fim, além de acreditar firmemente que o homem e a mulher voltariam para Deus e que precisavam de sabedoria e vivência de qualidade (princípios bíblicos) para alcançar este retorno. O pastor Claudio Marra, salienta:

[...] Comenius, um pastor Morávio, tinha apenas um alvo na vida, que era "promover a Glória de Deus. Torna-se evidente também que ele via a educação cristã como sendo o meio mais excelente para a glorificação de Deus pela vida humana". Ele cria que a responsabilidade de cuidar da juventude pertence naturalmente aos pais, mas que era igualmente necessário que todos os jovens fossem instruídos em conjunto, nas escolas, onde tudo deveria ser ensinado a todos.<sup>82</sup>

Lutero, Comenius e muitos outros favoráveis à educação cristã, pertenciam as já anteriormente nominadas, igrejas clássicas, e como se expõe, as mesmas aprenderam a lição no que concerne ao tratamento dado às crianças. Agora é a vez das igrejas neopentecostais. É preciso que seus líderes atentem para este pequeno público, que ainda vai às igrejas na companhia de mães, pais, avós, tios. Necessário se faz que desenvolvam nessas crianças um sentimento de pertencimento, isto é, um reconhecimento de que fazem parte daquela igreja, de que é também discípula e discípulo de Cristo, membro efetivo de uma comunidade religiosa.

---

<sup>80</sup> FLECK, Dorival Adair. Luteranismo e educação. In: GOLDMEYER, Marguit; WACHS, Manfredo C.; MALSCHITZKY, Gustavo (Orgs.). *Luteranismo e educação: reflexões*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 27.

<sup>81</sup> FLECK, 2006, p. 29

<sup>82</sup> MARRA, Cláudio A. B. *A Igreja Disciplinadora*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 21.

A pastora da Igreja Metodista e psicóloga Blanches de Paula, em seu artigo intitulado *A criança e a fé*, revela que “nossa fé adulta está diretamente vinculada com a vivência e a convivência no mundo infantil. A fé é cultivada nas relações que travamos desde que nascemos”.<sup>83</sup> Em outras palavras, é preciso ensinar as crianças a amarem a Deus, pois elas crescerão com o referencial certo.

Ela também associa os estudos de Erik Erikson, um psicólogo, e os de James Fowler, um teólogo, para comprovar sua tese de que há uma relação entre o desenvolvimento do ser humano e sua fé.

Nesta perspectiva, Erik Erikson defende haver três dimensões necessárias para a formação da identidade: a biológica, que diz respeito à herança dos pais, a genética; a individual, que trata da pessoa em si; e a cultural, referente à relação da pessoa com sua cultura e sociedade. Dos estágios pelos quais ele afirma o ser humano passar, os primeiros envolvem a infância, os quais estão intimamente relacionados e que poderão ser vividos de forma sadia ou não, de acordo com o equilíbrio entre as dimensões biológica, individual e cultural.<sup>84</sup>

O primeiro estágio seria o nominado *Confiança versus Desconfiança*, que trata da formação da confiança. Erik Erikson diz que a mesma é alcançada através do contato do bebê com as pessoas que lhe cercam. Quando os bebês (de 0 a 18 meses) são atendidos nas suas necessidades básicas com afeto, a fidedignidade e a confiabilidade são desenvolvidas nas emoções desta criança. Com relação a esta experiência, a autora lembra que a religião está ligada à confiança. Assim,

Quando a criança encontra um ambiente propício para seu desenvolvimento como pessoa, ela sairá desse estágio com esperança, que é um aspecto indispensável para uma fé saudável. Porém, se ela encontra um mundo não-receptivo ao seu desenvolvimento, poderá levar para o segundo estágio a desesperança. Sua fé, portanto, torna-se fragilizada.<sup>85</sup>

Quando a criança vive o período de 18 meses aos 3 anos de idade, ela na verdade atravessa o segundo estágio de vida, denominado *Autonomia versus Vergonha e Dúvida*, o qual trata da formação da autonomia. Nele, a criança já se percebe um ser desvinculado do outro, isto é, ela percebe que não está “grudada” a alguém, mas que é um alguém também. Começa a descobrir seu corpo e com isso surge a vergonha e a dúvida. Se pais e responsáveis tratarem suas crianças com

<sup>83</sup> PAULA, Blanches de. *A criança e a fé* In: FASSONI, Klenia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton (Orgs.). *Uma criança os guiará* - por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 201.

<sup>84</sup> PAULA, 2010, p. 203.

<sup>85</sup> PAULA, 2010, p. 204.

respeito, afeto, auxiliando-os a vencerem os obstáculos de vergonha e dúvida, tais crianças adquirirão força de vontade e senso de lei e ordem. Caso contrário, manifestarão sérios problemas de auto-aceitação.<sup>86</sup>

O terceiro estágio Iniciativa *versus* Culpa, que compreende as idades de 4 a 5 anos, refere-se à formação da iniciativa. Nesta fase, é comum as crianças demonstrarem-se ativas, interessadas, curiosas. Os pais e pessoas próximas precisam desenvolver diálogo com os pequenos e pequenas, e evitar linguagem irônica e de censura excessiva. A criança precisa se sentir parte da família, do grupo e não ser censurada ou ridicularizada.<sup>87</sup>

O estágio seguinte, nominado Indústria *versus* Inferioridade, ainda diz respeito à infância, mais precisamente a partir dos seis anos de idade. Compreende o desenvolvimento da criatividade e envolve a criança na condição de aprendiz. Nessa condição, ela começa a produzir efetivamente alguma coisa, como tarefas escolares e demais atividades similares. Neste momento, o incentivo dos pais/mães e professores/professoras é importante para que a mesma se mantenha motivada. Se, ao invés de motivação, houver críticas, o insucesso culminará na instalação do sentimento de inferioridade.<sup>88</sup>

Por sua vez, James Fowler, citado pela autora em tela, também apresenta quatro estágios de fé, os quais são vivenciados de acordo com as fases da vida – infância, adolescência, vida adulta e maturidade. Em sua obra Fowler propõe-se a chamar a atenção para a compreensão de como a criança percebe a fé durante seu crescimento pessoal.

Assim, Fowler chama de Fé Indiferenciada, a primeira vivência da fé. Obviamente que o bebê aqui não tem noção de fé, o que ele sente é que alguém supre suas necessidades básicas de fome, sede, calor, frio. Enfim, quando as manifestações de desconforto são aliviadas com a chegada de alguém, que aos poucos ele aprende a diferenciar, pelo tom de voz, pelo toque, pela simples presença, o bebê desenvolve uma relação não apenas de dependência, mas de afeto, com quem cuida dele. Essa relação é fundamental para o desenvolvimento da concepção de Deus, nos estágios seguintes.<sup>89</sup>

---

<sup>86</sup> PAULA, 2010, p. 204.

<sup>87</sup> PAULA, 2010, p. 205.

<sup>88</sup> PAULA, 2010, p. 205.

<sup>89</sup> FOWLER, 1992, p. 105.

A Fé Intuitivo-Projetivo, estágio seguinte, a fé começa a ser percebida, pois já é possível que a criança faça uma imagem de Deus (antropomórfica). Ela presta atenção nas histórias contadas, usa a imaginação, tem curiosidade, pensa em um Deus que mora no céu. É importante que ela seja ensinada sobre Deus nesta fase, pois ela tem interesse Nele.<sup>90</sup>

O terceiro estágio é a Fé Mítico-Literal, ou uma fé simbolizada. Deus está mais próximo agora, a ponto de suas atitudes serem comparadas às atitudes dos pais/mães. Ou seja, se percebe Deus, a partir da percepção sobre os pais/mães. Assim como os pais/mães, Deus faz o que acha melhor. Ela se adapta melhor às regras e a moral familiar.<sup>91</sup>

O estágio de Fé Sintético-Convencional compreende a fase da adolescência e exige uma fé compartilhada. Em geral, se a pessoa não passou por alguma crise nos estágios anteriores, aqui Deus é visto como companheiro, amigo, orientador, apoio correto. É de suma importância, que o jovem e a jovem recebam educação na fé, neste momento de vida, para que a formação de identidade não fique comprometida.<sup>92</sup>

Como se vê, a fé é aprendida na infância, e desenvolve-se pelo resto da vida. Quanto mais cedo for trabalhada na pessoa, mais influência terá na configuração de sua personalidade.

Não é apenas a Bíblia que demonstra isso. A ciência tem ratificado a mesma realidade. Portanto, faz-se necessário atentar para o oferecimento de uma educação cristã de qualidade para os pequenos fiéis, a fim de vê-los permanecer firmes, enquanto um fruto fiel que pertence ao reino de Deus.

---

<sup>90</sup> FOWLER, 1992, p. 116.

<sup>91</sup> FOWLER, 1992, p. 129.

<sup>92</sup> FOWLER, 1992, p. 147.



### 3 APRENDENDO A LIÇÃO

A Bíblia, que se divide em duas partes, apresenta um aspecto interessante concernente à natureza humana. No primeiro livro do Velho Testamento, Gênesis, revela um ser humano criado por Deus, ligado à família, desempenhando uma função, e em harmonia com a natureza. Logo, um ser constituído nas dimensões biológica, psicológica, social, espiritual. Similarmente, apresenta no início do Novo Testamento, o homem Jesus, nascido como bebê em meio a uma família, que cresceu em estatura, graça, sabedoria.<sup>93</sup> Também um ser enquanto homem, que se desenvolveu no biológico, psicológico, social e espiritual. Ele efetivamente passou pela infância, adolescência, juventude e na vida adulta, concluiu seu ministério.

Da infância de Jesus pouco se sabe, no entanto a passagem bíblica que é muito conhecida, diz respeito ao debate ocorrido entre os mestres da lei e Jesus ainda pequeno, com doze anos de idade. Ali se evidencia que Jesus foi bem instruído pela sua família terrena sobre a leitura e demais conhecimentos a respeito de Deus, que todo judeu deveria saber.

O professor Klein, assevera que na cultura judia, Deus era considerado o principal educador. Já a família era a instituição educativa matriz que tinha a tarefa de educar os filhos.<sup>94</sup> Apenas no século II a.C. surgiram as sinagogas com os escribas, os chamados mestres da Lei.<sup>95</sup> Ao que tudo indica, o Jesus criança recebeu de sua família a educação prática para a vida, a qual é descrita por Klein como sendo uma

[...] educação elementar, que incluía de forma integrada os elementos essenciais da fé. Era um ensino tanto moral quanto litúrgico e histórico, que acontecia, sobretudo, de forma narrativa, recordando a origem e o sentido das grandes solenidades em Israel, como se vê em Êxodo 12.26-27; 13.8-9,16. Os pais respondiam as perguntas dos filhos, narrando acontecimentos históricos, explicando ritos, cerimônias e mandamentos e ensinando o credo histórico (Deuteronômio 6.20-25). Os pais ensinavam também poemas e cânticos a seus filhos, tendo os mesmos uma função pedagógica, como se vê em Deuteronômio 31.10-22.<sup>96</sup>

O que Jesus recebeu foi, sem dúvida, uma educação imbuída de valores éticos, sociais, religiosos, emocionais, a qual foi decisiva para torná-lo um mestre

---

<sup>93</sup> A BÍBLIA DA MULHER, 2010, p. 1570.

<sup>94</sup> KLEIN, 2011, p. 43.

<sup>95</sup> KLEIN, 2011, p. 46.

<sup>96</sup> KLEIN, 2011, p. 45.

reconhecido pela população como alguém que tinha autoridade.<sup>97</sup> Obviamente, que sua pedagogia de ensino foi contestada pelos concorrentes, pois ao contrário de Jesus, eles queriam fama, reconhecimento, sucesso.

Notadamente, quando brotou no coração dos discípulos de Jesus, este mesmo tipo de desejo desvirtuoso, o Mestre surpreendeu a todos.

Naquela mesma hora, chegaram os discípulos ao pé de Jesus, dizendo: Quem é o maior no Reino dos céus? E Jesus, chamando uma criança, a pôs no meio deles e disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, de modo algum entrareis no Reino dos céus. Portanto, aquele que se tornar humilde como esta criança, esse é o maior no Reino dos céus. E qualquer que receber em meu nome uma criança tal como esta a mim me recebe. Mas qualquer que escandalizar um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundidade do mar. (Mateus 18:1-6)

Com isso uma ordem é emanada do Mestre: se convertam, deixem a ambição de lado, aprendam com as crianças sobre humildade, simplicidade, inocência. Em vez, de desprezá-las (não percebendo a presença delas), as tomem como exemplo de vida. Elas acreditam no pai e na mãe, elas não guardam rancor, esquecem com facilidade das raivas, dependem sem restrições de quem cuida delas. E se por ventura, prossegue Jesus, forem maltratadas, é melhor a quem fizer isso, procurar a morte imediatamente.

Esta ordenança lançada há muito tempo, continua a valer em nossos dias. A Palavra não caiu. E quem vive dela, não pode negligenciar a seriedade desta mensagem. Aos representantes das novas igrejas urge a adoção de estratégias de acolhimento aos infantes que adentram os templos evangélicos na companhia de familiares, vizinhos/vizinhas, amigos/amigas. Destinar uma programação que alcance o coração das crianças é investimento certo para a comunidade religiosa. Cultivar o sentimento de pertencimento em cada pequeno discípulo de Jesus, é consolidar uma vida, que o Senhor muito valorizou.

### **3.1 Proposta Pedagógica para Educação Cristã**

A grande ferramenta de consolidação para qualquer novo discípulo, não importando a idade, é notoriamente a Educação Cristã. Para isso, a igreja precisa ter

---

<sup>97</sup> A BÍBLIA DA MULHER, 2010, p. 1466.

um planejamento educacional cristão destinado à formação dos pequenos discípulos e discípulas de Jesus.

As igrejas mais antigas já desenvolvem um excelente trabalho educacional junto aos seus membros. A Igreja Assembleia de Deus, de origem pentecostal, criada em 1911, no norte do Brasil, por exemplo, tem como expoente a Escola Bíblica Dominical, a qual instrui o cristão e a cristã desde a mais tenra idade. O material didático utilizado nesta escola é produzido pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), uma editora criada exclusivamente para atender a demanda de materiais de ensino de toda ordem, como livros, revistas, jornais. Inclusive o seu site [www.editoracpad.com.br](http://www.editoracpad.com.br) enumera enquanto um de seus objetivos como entidade confessionalmente evangélico-pentecostal, “educar a sociedade através da Escola Dominical, pois o objetivo primeiro desta é evangelizar enquanto ensina”.<sup>98</sup>

Como se percebe, essa Igreja valoriza educação cristã e a veicula em todo o seu material produzido para a consolidação dos membros. Além da Escola Bíblica Dominical, existem as Escolas Bíblicas de Férias, o Culto Infantil, os congressos e cultos, destinados a adolescentes e jovens, e ainda atende pessoas adultas através de ações promovidas pelo Círculo de Oração (reunião das mulheres da igreja) e demais eventos. Tudo o que se lê e se divulga para os fiéis, na sua maioria, é produzido pela CPAD, que além de Bíblias e revistas especializadas, publica o Jornal Mensageiro da Paz, contendo notícias e artigos evangélicos destinados a todo o público, sendo distribuído pelo país.

A Igreja Batista classificada como uma igreja de missões, fundada em 1871 em solo brasileiro, também apresenta um riquíssimo material de evangelização e estudo bíblico elaborado nas diretrizes da educação cristã, que atende os mais variados públicos de faixa etária diferente. Conta, inclusive, com uma especial Divisão de Escola Bíblica Dominical, que entre outras tarefas, evangeliza através do ensino da Palavra de Deus. Há outra seção específica de ensino, denominada Divisão de Crescimento Cristão, a qual se preocupa com a consolidação dos novos membros. Seu material de ensino é produzido pela Junta de Educação Religiosa e Publicações – JUERP.

---

<sup>98</sup> CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS. *Quem somos*. Disponível em: <<http://www.editoracpad.com.br/institucional/integra.php?s=5&i=29>>. Acesso em: 29 out. 2016.



Os luteranos também não deixam a desejar em nada no que diz respeito à produção de materiais de estudo para crianças. São revistinhas, Bíblia para crianças, livros, jornais. Dois, inclusive, são muito antigos, mas que continuam a dar suporte à educação cristã com crianças. O *Manual para o Culto Infantil*, publicado pela primeira vez em 1972, publica até hoje textos reflexivos, roteiros para atividades, dinâmicas e cantos para os encontros dominicais com as crianças. O *Amigo das Crianças*, publicado desde 1930, é um jornal semanal feito para crianças. Como se vê, há espaço para encontro de crianças, celebrações, o conhecido Ensino Confirmatório e demais atividades.

A educação cristã é tema de grande interesse para as igrejas tradicionais, uma vez que se reconhece sua eficácia enquanto instrumento de transformação na vida do fiel. Existe inclusive uma Comissão Evangélica Latino-Americana de Educação Cristã (CELADEC), a qual foi fundada em 1962, com o intuito de apoiar igrejas e organismos de educação tanto cristã, como popular, em tarefas educativas. Suas ações se dão através de quatro programas básicos: Seminários de Capacitação para Agentes Educativos, Curso Latino-Americano para Educadores Cristãos e Educadores Populares, Centro de Recursos para Educação Cristã e Educação Popular e Programa de Produção Editorial.

Uma das grandes contribuições da CELADEC foi fomentar, em meados da década de 1990, o projeto de pesquisa denominado “Igrejas brasileiras e o ministério educacional”, que contou com os esforços de um grupo de educadores e teólogos, os quais se debruçaram sobre seis grandes igrejas, a fim de descortinar o lugar da educação dentro dessas instituições. Sob a organização do professor Streck (1995), muito se compartilhou sobre a atividade educacional no interior das igrejas no livro intitulado *Educação e Igrejas no Brasil – Um Ensaio Ecumênico*.<sup>99</sup>

É possível, por exemplo, constatar que a educação era instrumento de evangelização das igrejas, possuindo assim, um caráter missionário, a princípio. A própria história do Brasil nos revela tal verdade, quando no início de sua colonização chegam os jesuítas com sua ação missionária junto ao povo colonizado. E por pelo menos 210 anos de nossa história, eles foram os únicos responsáveis pela educação de todos os setores sociais no país.<sup>100</sup>

---

<sup>99</sup> STRECK, Danilo R. (Org.). *Educação e igrejas no Brasil – um ensaio ecumênico*. São Leopoldo: CELADEC, 1995.

<sup>100</sup> STRECK, 1995, p. 15-16.

Um dos primeiros grupos protestantes a chegar ao país foi o de alemães, em 1824, os quais trazem em sua cultura um consistente ensino dentro da própria igreja. Com a Bíblia, o Catecismo Menor de Lutero e o hinário, no coração, nas mãos e no intelecto, os luteranos deram início a uma educação diferenciada dentro do território brasileiro.<sup>101</sup>

Outro argumento digno de nota é sobre a fundação da escola dominical feita pelo metodista Héleron Bastos Rodrigues. Segundo sua pesquisa, a tradicionalíssima escola propagada em várias igrejas, foi fundada por uma mulher.

A senhorita Ana Ball, metodista, foi a fundadora da primeira escola dominical (em High Wycombe, Londres, 1769), uma modalidade educacional que passou a surgir em outras cidades de sua época. Mas, para outros, é Robert Raikes, dono do *Gloucester Journal*, que é o pai da escola dominical, mesmo tendo iniciado esta forma educacional somente em 1780, e isso teria acontecido por inspiração de Sophia Bradburn, esposa de um pregador metodista. De uma forma ou de outra, está caracterizado o elo entre o metodismo e os inícios da instituição “escola dominical” como meio de ensino ministrado à infância. Deve-se, porém, esclarecer que, nos seus primórdios, a escola dominical também ministrava o ensino elementar. Só mais tarde é que veio a dedicar-se mais exclusivamente à instrução religiosa.<sup>102</sup>

Mas sem dúvida a contribuição mais significativa que esta pesquisa ecumênica proporcionou, foi permitir as igrejas participantes um processo de análise sobre a educação vivenciada nessas instituições. Elas tiveram a oportunidade de se autoavaliarem e, por consequência, traçarem planejamento específico para aperfeiçoarem o que já desenvolvem, a educação e, em especial, a educação cristã destinada aos seus membros.

Longa é a trajetória da Educação Cristã nas igrejas tradicionais, compete agora às novas igrejas despertarem para esta poderosa ferramenta de evangelização e consolidação de fiéis. Necessário se faz aprender com os antecessores e antecessoras e passar a investir em um planejamento educacional efetivo, que ensine a Palavra de Deus e sua aplicabilidade junto ao contexto atual, a todos os discípulos e discípulas, incluindo primordialmente, as crianças.

---

<sup>101</sup> STRECK, 1995, p. 28.

<sup>102</sup> RODRIGUES. Héleron Bastos. Um movimento educacional (Igreja Metodista). In: STRECK, Danilo R. (Org.). *Educação e igrejas no Brasil – um ensaio ecumênico*. São Leopoldo: CELADEC, 1995. p. 35.

### 3.2 Subsídios para elaboração de uma Proposta Pedagógica

Para começar esta tarefa é bom definir algumas questões de caráter reflexivo que nortearão os pressupostos pedagógico-teológicos presentes em um possível modelo educacional a ser desenvolvido pela igreja. Assim, é importante identificar a concepção de educação a ser trabalhada e seus referenciais, quais espaços educativos serão disponibilizados, quem serão os e as responsáveis pela formação, qual o perfil do cristão e cristã a ser forjado nesta comunidade religiosa, em suma, qual proposta pedagógica melhor se adapta à realidade da nova igreja.

Por educação, é bom lembrar que as igrejas anteriormente citadas a percebem enquanto um processo de crescimento pelo qual o indivíduo toma consciência de si e sua relação com o mundo que o cerca. Um autor que bem descreve esta finalidade educativa é, sem dúvida, Delors (1999).

[...] a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade. Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.<sup>103</sup>

Já a Educação Cristã, a qual é de fato, abordada dentro das igrejas, é entendida como uma educação que transforma vidas, uma vez que busca formar o caráter de Cristo no cristão/cristã. Ela é tanto direcionada ao novo discípulo/discípula quanto aos que já caminham há tempos junto à comunidade religiosa. Seu objetivo é ensinar princípios bíblicos que quando assimilados, passam a nortear a conduta da pessoa, mudando hábitos e imprimindo virtudes cristãs.

Nessa assertiva, a Bíblia é, obviamente, a principal referência teológica a ser utilizada. Os referenciais histórico-culturais dizem respeito à doutrina e demais rituais (comemorações, por exemplo) de uso da comunidade religiosa neopentecostal. E os referenciais pedagógicos só poderão ser identificados após uma reflexão sobre a finalidade contextualizada da formação do e da aprendiz.

No que concerne aos espaços educativos que estarão disponíveis na igreja, é importante esclarecer que não se trata apenas de um espaço físico, mas sim de toda uma compreensão sobre o que é ministrado na igreja. A educação não ocorre

---

<sup>103</sup> DELORS, 1999, p. 99.

apenas formalmente. Ela ocorre nas entrelinhas das ações cotidianas, como por exemplo, durante o momento da oração (pelo que se tem orado, qual a real motivação do orante, como está o coração deste ou desta fiel), na hora do louvor (como se tem oferecido o louvor a Deus), no ato da oferta (qual a atitude diante do desafio de ofertar), no momento da ceia do Senhor (há compreensão sobre este ritual). Enfim, as reuniões religiosas tem realmente abertura para o fomento da educação cristã? É viável adotar a estratégia da Escola Bíblica Dominical para essa igreja? Ou ainda a Escola Bíblica de Férias? E principalmente, elas estão dispostas a atender ao público infantil, uma vez que as crianças devem ser os primeiros alvos de investimento dos pastores e pastoras? Há disponibilidade para preparar o “cultinho” das crianças?

Como serão selecionadas as pessoas que deverão atuar no ensino destinado às crianças, adolescentes e jovens? Qual deve ser o perfil de quem ensina? Qual formação deverão receber estas pessoas? Se estes questionamentos parecerem insignificantes à liderança das igrejas neopentecostais, necessário se faz, recorrer ao que diz o apóstolo Paulo, em 2 Timóteo 2:2, “E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros”.

A idoneidade diz respeito à competência para realizar algo, daí a preocupação de Paulo com a perpetuação do ensino. Nem todos estão aptos para este ministério educacional. Para o apóstolo, ensinar era um dos diversos dons entregues ao Corpo de Cristo, como se lê em Romanos 12:7, “se ministério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se no fazê-lo”. Com isso, quem ensina deve reconhecer a seriedade e a necessidade de preparo para a execução deste dom. Logo, é prudente à liderança das igrejas que selecione pessoas habilidosas para a prática do ensino, afinal, serão os primeiros a contribuir, em parceria com a família, para a formação dos pequenos e pequenas cristãos/cristãs.

No perfil destes fiéis competentes deve sobressair o compromisso de viver, primeiramente, os princípios bíblicos ensinados. Necessita-se que sejam referenciais de integridade, idoneidade, responsabilidade, portanto, exemplos para as novas gerações. Este é o diferencial da educação cristã, a prática do ensino na vida de quem ensina.

E quanto ao aprendiz, seja criança, jovem, adulto, adulta, enfim, o recente convertido/convertida em geral, o que a pessoa precisa aprender a fim de se tornar um homem ou mulher, segundo o coração de Deus? Que ensinamentos contribuirão para o seu crescimento pessoal e espiritual? Qual resultado espera-se alcançar com este investimento na formação do membro da igreja?

A ferramenta educacional que ajuda a esclarecer estas questões é a conhecida Proposta Pedagógica, muito veiculada no âmbito escolar. Trata-se do estabelecimento de diretrizes básicas que darão identidade ao ensino de uma determinada instituição. É a formalização de um projeto educacional, que permitirá todas as pessoas envolvidas no processo educativo tomem conhecimento do que compete aos sujeitos ali articulados. Cada instituição, seja ela qual for, que desenvolve qualquer ação educativa, precisa ter a sua proposta pedagógica.

Portanto, a instituição igreja que educa também deve destinar um tempo e uma equipe disponível, para traçar tais diretrizes educativas. Neste documento serão dadas as respostas aos itens acima questionados, como a definição de educação na perspectiva cristã, o espaço para a educação formal, as estratégias de ensino a serem utilizadas, os objetivos educacionais a serem alcançados, o conteúdo a ser ministrado, a especificação do tipo de formação destinada aos formadores cristãos, bem como elencado as principais habilidades e características de perfil que se pretende alcançar na vida do cristão e cristã em formação.

Logicamente, que o ensino destinado às crianças deve observar a capacidade cognitiva de aprendizado de cada faixa etária, utilizando material didático de apoio compatível.

A princípio, pode acontecer dos formadores cristãos das novas igrejas não apresentarem habilidades para confeccionar este material didático coerente que contribua para uma formação de qualidade. Então, torna-se viável utilizar revistas e livros de editoras que já atuam neste segmento e, por conseguinte, tem um riquíssimo material educativo nesta linha de educação cristã. Geralmente são entidades ecumênicas, que tem por objetivo a evangelização de crianças.

Dentre estas editoras, destaca-se a Aliança Pró-Evangelização das Crianças no Brasil (APEC), um ministério internacional que nasceu nos Estados Unidos através da obra missionária do Rev. Jesse Irwin Overhitzer, e espalhou-se pelo mundo. O Brasil foi o segundo país a receber a APEC, isso no ano de 1941. Consiste em um trabalho destinado ao atendimento do público infantil, com ensino

da Bíblia tanto para os pequenos, como um suporte pedagógico para pessoas que trabalham ensinando as crianças. O material didático é de excelente qualidade, há promoção de cursos para professores e professoras de crianças, simpósios e congressos para líderes que desenvolvem trabalho com o público infantil. São inúmeras revistas, jornais, bíblias e demais publicações destinadas ao atendimento de crianças.<sup>104</sup>

A Rede Mãos Dadas, composta atualmente de 36 parcerias institucionais, também oferece um suporte de qualidade para quem pretende alcançar o coração de crianças pelo Brasil. No site *maosdadas.org*<sup>105</sup> encontra-se além de periódicos que podem ser utilizados com crianças, uma série de informações sobre iniciativas de igrejas e organizações em defesa da infância. Notícias e estatísticas confiáveis sobre a evangelização de crianças, além de ferramentas para este tipo de trabalho, são facilmente encontradas no endereço online da Rede.

A Sociedade Bíblica do Brasil, sob o lema “Semeando a Palavra que transforma vidas”, é entidade sem fins lucrativos, que se destina a disseminar a Bíblia e demais materiais de estudo, como folhetos evangelísticos, revistinhas para crianças, em todo o território nacional. Tem uma larga produção de artigos destinados à evangelização de adultos e adultas e também de crianças. No site da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) é possível encontrar todas as informações e catálogos sobre os produtos produzidos por esta editora.<sup>106</sup>

Além destas, há ainda muitas outras como a CPAD<sup>107</sup>, a JUERP, a SINODAL<sup>108</sup>, etc. Não falta onde buscar apoio e encontrar um excelente material didático que pode ser aproveitado nas igrejas que procurarem desenvolver um trabalho de educação cristã, voltado para a evangelização, consolidação e discipulado dos novos fiéis, inclusive as crianças. O que se necessita, a priori, é a iniciativa para atender a chamada de acolhimento à criança, em especial.

---

<sup>104</sup> ALIANÇA PRÓ-EVANGELIZAÇÃO DAS CRIANÇAS - APEC. Disponível em: <<http://apec.com.br/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

<sup>105</sup> REDE MÃOS DADAS. Disponível em: <<http://ultimato.com.br/sites/maosdadas/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

<sup>106</sup> SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL (SBB). Disponível em: <<http://www.sbb.org.br/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

<sup>107</sup> CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS. Disponível em: <<http://www.cpad.com.br/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

<sup>108</sup> EDITORA SINODAL. Disponível em: <<http://www.editorasinodal.com.br/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

Um bom exemplo de aprendizado no trato às crianças vem da Igreja Neopentecostal Ministério Internacional da Restauração em Santarém-Pará.<sup>109</sup> Com cerca de duas décadas de fundação, o MIR como é conhecido no norte do país, é uma das igrejas vinculadas a Primeira Igreja Batista da Restauração em Manaus, e a semelhança dessa igreja líder, começou a desenvolver um trabalho de acolhimento junto às crianças. A igreja compreendeu que era preciso trabalhar uma linguagem especial que atendesse as inúmeras crianças que acompanhavam os pais e mães aos cultos. Como a estratégia desta igreja envolve as células nos lares, percebeu-se também que havia um grande número de pequenos participantes nestas reuniões. Então, não havia como deixar de perceber aquelas pequenas vidas, sedentas de ouvir sobre Cristo, e logo as células de crianças surgiram, e uma grande rede de acolhimento foi gerada, a Rede de Crianças.

Com isso, as células de crianças ocorrem durante um dos dias da semana, o culto dominical ocorre paralelo ao culto principal, em ambiente próprio, e ainda durante um sábado do mês, estas crianças são convidadas para um culto especial, feito somente para elas, no salão principal da igreja.

A quantidade de crianças chega a ser quase metade do número de discípulos adultos e por isso, é preciso uma grande equipe de líderes e professores de crianças para atender a demanda. Para isso, a Rede de Crianças oferece regularmente curso de capacitação para pessoas que pretendem trabalhar com estes pequenos discípulos. Informações básicas sobre a infância, a educação cristã e a doutrina da igreja são repassadas nestes cursos. Além disso, esse formador cristão é acompanhado diretamente pelo seu líder, a fim de auxiliá-lo no trato com as crianças.

Como material didático, a Rede de Crianças adotou durante muito tempo as revistas e demais literaturas de diversas editoras, como JUERP, APEC, CPAD. Somente agora neste ano em vigor, uma equipe de professores foi formada para a confecção de seu próprio material de estudo, adotando uma proposta pedagógica elaborada em parceria com a liderança da igreja.

Outro excelente exemplo de trabalho com crianças vem do Ministério Ruach também oriundo da Igreja Batista fundado em 1º de maio de 2009, em Juiz de Fora/MG. O seu pastor Evanhoé de Paula, que faz parte do grupo internacional

---

<sup>109</sup> SISTEMA GERAÇÕES. Disponível em: <<http://www.mir12stm.com.br/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

Gideões da Oração, tomou conhecimento de um novo grupo chamado Gideões Mirins, o qual idealiza transformar as crianças em pequenas intercessoras, adoradoras e pregadoras da Palavra de Deus. Ao simpatizar com a ideologia do grupo, o ministério Ruach investiu nesta empreitada, e reconheceu que durante muito tempo se pensou que a criança na igreja era despesa e muito trabalho. Em sua fala ao programa Gideões da emissora cristã Rede Super, ele pontuou: “Deus trouxe um outro despertamento, de que a criança é investimento. É um potencial”.<sup>110</sup>

Agora com seu pequeno grupo de Gideões Mirins, que oram, ministram e louvam na igreja, participam de desafios missionários e até desfilam em homenagem à pátria no dia 07 de setembro, conseguiram participar pela primeira vez de um intercâmbio internacional na Argentina. Com uma equipe de 19 pessoas, sendo 10 crianças, 03 adolescentes e 06 adultos, os Gideões Mirins de Juiz de Fora/MG, romperam fronteiras e trocaram experiências com outras crianças, conhecendo a realidade de pequenos cristãos e pequenas cristãs de um país vizinho. Lá participaram de reuniões, trabalhos voluntários e até caminhada evangelística pela cidade, na companhia dos demais participantes.

O pastor Evanhoé de Paula salienta ainda que a igreja cristã (acredita-se que se refira à Igreja Neopentecostal, uma vez que o mesmo é neopentecostal) aqui em nosso país ignorou durante um bom tempo o crescimento espiritual das crianças.

A igreja no Brasil trabalhou muitos anos de forma curativa. Ou seja, não cuidávamos das crianças como deveríamos e falhávamos. Daí, elas se tornavam adolescentes e jovens e vinham os problemas. Aí nós, pastores, tínhamos de curar o problema. Só que Deus tem levantado a visão preventiva. Nós pegamos crianças que tem um potencial, pelo Espírito, maravilhoso e já prevenimos ela a cerca [sic] do chamado de Deus sobre a vida delas e elas já crescem dentro de um caminho maravilhoso.<sup>111</sup>

Atividades como estas de reconhecimento da presença da criança dentro dos templos evangélicos e da necessidade de investir em seu crescimento, necessitam ser replicadas em várias e várias outras igrejas, país adentro.

---

<sup>110</sup> GUIAME. Disponível em: <<http://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/crianca-na-igreja-nao-e-despesa-e-investimento-diz-pastor.html>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

<sup>111</sup> GUIAME. Disponível em: <<http://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/crianca-na-igreja-nao-e-despesa-e-investimento-diz-pastor.html>>. Acesso em: 01 nov. 2016.





## CONCLUSÃO

No decorrer da pesquisa evidenciou-se que a educação é um fenômeno social imprescindível para a formação do ser humano. Quando aliada ao fenômeno religioso, consegue ampliar significativamente seu poder de transformação. A instituição igreja tem conseguido se manter firme em meio às grandes mudanças sociais que ocorrem, em parte, graças a este poder educativo. Para muitos estudiosos inclusive, o ensino tem sido efetivamente a base da Igreja. As denominações eclesiais mais antigas estão aí, com seus diversos programas educacionais, como a Escola Bíblica Dominical, para comprovar esta teoria.

É bem verdade que a aprendizagem na fé ocorre por toda a vida, do nascimento até a morte, como afirma Fowler. Todavia, quando se recebe uma educação cristã, potencializa-se uma formação de fé consistente, em um indivíduo que consegue desempenhar com fidelidade o papel de cidadão dos céus e cidadão na terra.

No desdobramento das questões elencadas observa-se que as novas igrejas, identificadas pelo termo neopentecostais, ainda não se deram conta da presença das crianças em seus templos. Em geral, ela vai acompanhando as avós, mães, pais, e para não “atrapalharem” o culto, são levadas a uma salinha separada do salão principal, para receberem “entretenimento”. Cantam musiquinhas, fazem brincadeiras, quando muito, recebem um lanchinho. E assim elas entram e saem de inúmeras igrejas. Por ser invisível socialmente, a criança não desenvolve o sentimento de pertencer à comunidade religiosa, e quando se torna adolescente, acaba se distanciando da igreja.

A invisibilidade social de certos grupos é uma realidade cruel que reforça a desigualdade na sociedade. Boaventura denuncia este modelo de racionalidade vigente propondo o cultivo de uma racionalidade cosmopolita pautada na sociologia das ausências, a qual teria por finalidade transformar as ausências sociais em presenças.<sup>112</sup> Dentre suas ideias, algumas podem explicar o porquê de crianças não serem tão bem recebidas nas igrejas neopentecostais. Segundo ele, há grupos sociais que não percebe-se sua existência em virtude da lógica produtivista

---

<sup>112</sup> SANTOS, 2006, p. 179.

comumente difundida na sociedade. Assim, estes grupos por não terem a capacidade de produção, não são contados, percebidos, valorizados.

Em particular, considerando o objeto de estudo criança, se entende que já que ela não produz e logo não tem dinheiro para comprar, para dar dízimos, ofertas e outros recursos para a igreja, sua existência acaba sendo desconsiderada neste meio. Elas não têm dinheiro para investir na igreja e, pelo contrário, a igreja é quem precisa investir nos pequenos e pequenas. Então, o que fazer com as crianças, é uma pergunta que muitos novos pastores e pastoras nem se fazem.

Já as igrejas que conseguiram dimensionar a importância destes pequenos/pequenas discípulos/discípulas tem escolhido como estratégia, investir na acolhida destas crianças, bem como no oferecimento de uma educação cristã que promova, dentre outras finalidades, o sentimento de pertencer àquela determinada comunidade religiosa.

Há modelos educacionais existentes em certas igrejas que podem servir de referência para as igrejas neopentecostais. Uma série de publicações bem elaboradas e de qualidade está disponível em várias editoras cristãs, como as citadas anteriormente. No entanto, a principal de todas as decisões a ser tomada pela liderança destas novas igrejas é, sem dúvida, obedecer à voz de Deus a respeito da criança. Acolhê-la, incluí-la, torná-la sujeito dentro da instituição é reconhecer o chamado bíblico de que toda vida é preciosa para o Criador.

A partir dessa tomada de decisão deve se abrir espaço para a inclusão das crianças nas programações das igrejas, permitindo-lhes participar ativamente de todas as celebrações e demais rituais comuns àquela comunidade.

A designação de pessoas para trabalhar diretamente com as crianças, exige uma preocupação à parte da liderança da igreja. Isto porque estas pessoas exercerão uma influência maior na vida dos pequenos. Não é raro, encontrar adultos e adultas que lembram dos professores e professoras da sua infância, sendo alguns com carinho, outros com ojeriza. Assim é importante observar a personalidade do formador e da formadora, sondando, inclusive, se não apresenta ou apresentou algum desvio de conduta. Pessoas para cuidar diretamente de crianças precisam ter idoneidade comprovada. O processo ensino-aprendizagem na fé ganha significado quando o bom testemunho pessoal do professor/professora cristão/cristã é eficiente. Coerência e consistência no ensinar e no viver geram credibilidade e, por consequência, uma aprendizagem significativa na vida do formando/formanda.

Aliada a esta observação faz-se necessário oferecer capacitação inicial e continuada aos formadores/formadoras. Já se evidenciou acima que as crianças estão em permanente estágio de desenvolvimento, e de acordo com a faixa etária vivida, elas apresentam distintas possibilidades de aprendizagem. Logo, quem exerce atividade com os pequenos e pequenas, precisa conhecer diversas metodologias de ensino, a fim de que consiga realmente êxito com a aprendizagem dos e das infantes.

As atividades destinadas às crianças não devem ser vistas como entretenimento. Pelo contrário, requer planejamento, seriedade, compromisso de todos/todas os e as envolvidos/envolvidas. A educação cristã é viável em qualquer igreja e deve ser destinada a todo o seu público, incluindo sim as crianças. Não cabe mais procrastinar o trabalho a ser feito com elas.

Edson Ponick, na série Educação Cristã e Criatividade, com o tema Crianças na Bíblia, consegue sintetizar em um pequeno texto de sentido poético, o que se buscou revelar aos líderes das igrejas neopentecostais sobre a necessidade de acolhimento das crianças dentro das novas comunidades religiosas.

“Deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis...”

Quando ignoras minha presença, indiferente, se venho ou não, se isso para ti não muda nada, tu me abraças;

mas, quando vês que estou chegando e já de longe o teu sorriso acolhedor me dá boas-vindas, então me abraças.

Quando me sentas numa cadeira, comportado, às costas de uns, de costas para outros, tu me abraças;

mas, quando canto, brinco, corro em liberdade, tendo a ti e a meus amigos ao meu lado, então me abraças.

Quando tu queres que, passivo, apenas ouça, para exigir, logo depois certas respostas, tu me abraças;

mas, quando aceitas descobrir comigo o mundo e me convidas para partilhar os sonhos, então me abraças.

Quando teu “não” é categórico e constante, como se tudo que eu faço te incomodasse, tu me abraças;

mas, quando vês minha inquietude com respeito, tentando ver o mundo do meu jeito, então me abraças.

Quando entre nós houver bem menos abraços, então, é certo: haverá bem mais abraços.<sup>113</sup>

Quando a igreja neopentecostal passar a observar os discípulos e discípulas e suas necessidades, incluindo os excluídos e excluídas socialmente, será possível cumprir com êxito a chamada para a edificação de vidas.

---

<sup>113</sup> PONICK, 1993, p. 73.



## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DA MULHER: leitura, devocional, estudo. Tradução de Almeida. rev. e cor. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

ALIANÇA PRÓ-EVANGELIZAÇÃO DAS CRIANÇAS - APEC. Disponível em: <<http://apec.com.br/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

BARROS, Célia Silva Guimarães. *Pontos de Psicologia do Desenvolvimento*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2004.

BOBSIN, Oneide. *Correntes Religiosas e Globalização*. 2. ed. São Leopoldo: CEBI, 2006.

BOFF, Leonardo. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília: Letraviva, 2000.

\_\_\_\_\_. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Virtudes para um Outro Mundo Possível*. v. I: Hospitalidade: Direito & Dever de todos. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Virtudes para um Outro Mundo Possível*. v. II: Convivência, Respeito & Tolerância. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Virtudes para um Outro Mundo Possível*. v. III: Comer & Beber Juntos & Viver em Paz. Petrópolis: Vozes, 2006.

BOWKER, John. *Para entender as religiões*. São Paulo: Editara Ática, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 01 out. 2016.

CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS. Disponível em: <<http://www.cpad.com.br/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

CAVALCANTI, Robinson. Religião e política no Brasil. In: *Cristianismo e política*. Teoria bíblica e prática histórica. Viçosa: Ultimato, 2004.

COCK, Ana Mercês Bahia. *Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2002.

DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1999.

EDITORA SINODAL. Disponível em: <<http://www.editorasinodal.com.br/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

FILORAMO, G.; PRANDI, C. *As Ciências das Religiões*. 3. Ed. São Paulo: Paulus, 2003.

FLECK, Dorival Adair. Luteranismo e educação. In: GOLDMEYER, Marguit; WACHS, Manfredo C.; MALSCHITZKY, Gustavo (Orgs.). *Luteranismo e educação: reflexões*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

FOWLER, James. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

GEORGE, Sheron Kay. *Igreja Ensinadora: fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã*. 2. ed. Campinas-SP: Luz para o Caminho, 1993.

\_\_\_\_\_. Educação para a fé comprometida com a totalidade da vida hoje. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 49, n. 1, p. 144-152, 2009.

GUIAME. Disponível em: <<http://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/crianca-na-igreja-nao-e-despesa-e-investimento-diz-pastor.html>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=3&idnoticia=2170&busca=1&t=censo-2010>> . Acesso em 1 out. 2016.

KLEIN, Remí. A criança, a Bíblia e a história. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, RS, v. 25, p. 40-58, maio-ago., 2011.

LIBÂNIO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 7. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARIANO, Ricardo. *Pentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. Edições Loyola. São Paulo: 1999.

MARRA, Cláudio A. B. *A Igreja Discipuladora*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PAULA, Blanches de. A criança e a fé In: FASSONI, Klenia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton (Orgs.). *Uma criança os guiará - por uma teologia da criança*. Viçosa: Ultimato, 2010.

PAVIANI, Jayme. *Problemas de Filosofia da Educação: cultural, político ético na escola, pedagógico epistemológico no ensino*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as Competências desde a Escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Apêndice: As Religiões no Brasil. In: GAARDER, Jostein. HELLERN, Victor. NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PONICK, Edson et al. *Crianças na Bíblia*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

QUEIROZ, Carlos. Deus na criança. In: FASSONI, Klenia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton (Orgs.). *Uma criança os guiará*. Viçosa: Ultimato, 2010.

REDE MÃOS DADAS. Disponível em: <<http://ultimato.com.br/sites/maosdadas/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

RODRIGUES, Hêlerson Bastos. Um movimento educacional (Igreja Metodista). In: STRECK, Danilo R. (Org.). *Educação e igrejas no Brasil – um ensaio ecumênico*. São Leopoldo: CELADEC, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006.

SCHILLING, Voltaire. Conceito de Modernidade no decorrer dos séculos. In: GOLDMEYER, Marguit. WACHS, Manfredo C. MALSCHITZKY, Gustavo (Orgs.). *Luteranismo e educação: reflexões*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

SISTEMA GERAÇÕES. Disponível em: <<http://www.mir12stm.com.br/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL (SBB). Disponível em: <<http://www.sbb.org.br/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

STRECK, Danilo R. (Org.). *Educação e igrejas no Brasil – um ensaio ecumênico*. São Leopoldo: CELADEC, 1995.

VASCONCELOS, Luis e Regina. *Princípios Bíblicos*. São Paulo: Semente de Vida; 2012.

WEBER, Hans-Ruedi. *Jesus e as crianças*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.